

NGANGA

Edição 05 - Maio 2022





Expediente

Direção geral:
Douglas Rainho

Edição e diagramação:
Everton Martins

Revisão:
Danyo Nascimento

Arte Da Capa:
Luciana Lupe Vasconcelos

Imagens:
Luciana Lupe Vasconcelos

Um projeto da Cova Cipriano Feiticeiro, Templo De Quimbanda Pantera Negra e Dama Da Noite, Templo De Quimbanda Cova de Tiriri e Perdido.co.

Contato:
revistanganga@perdido.co

Sumário

Editorial	4
Goécia, Demonologia & Diabologia na Quimbanda a incursão diabólica no Brasil: Segunda Parte	5
Consulta e atendimento espiritual	26
O preço de um trabalho	28



Editorial

Chegamos ao número cinco desta revista que está abalando os alicerces do mundo da macumba brasileira.

Nosso trabalho é trazer compreensão às práticas de nossa família de Quimbanda, para dirimir dúvidas, fortalecer o entendimento e principalmente despertar a chama negra que habita na alma dos interessados pela Quimbanda.

Mas além daqueles que se aventuram pelos caminhos de Maioral, também falamos para feiticeiros independentes, naturais, que se inspiram na natureza caótica e selvagem em seus rituais.

Despertar o seu poder latente é um passo que começa se dando ao se instruir, ao pesquisar e por fim a mergulhar em uma jornada de descobertas incríveis.

O Kimbanda acima de tudo é um curador, ele cura a alma ancestral que busca compreender seu espaço nesse mundo hodierno complexo e frio. Nós, Kimbandas, estamos a disposição para encontrar a dificuldade das pessoas pelos métodos oraculares e pelas práticas de feitiçaria, para conectá-los novamente a sua essência natural.

Na assinatura dos colaboradores da revista tem seu método de contato, para marcar atendimentos, oráculos e trabalhos.

Desfrute nessa edição da Revista Nganga muita informação e transforme-a em conhecimento.

N'guzuê!

Kimbanda Zelawapanzu

Sacerdote do Templo de Quimbanda Cova de Tiriri

instagram.com/covadetiriri



Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

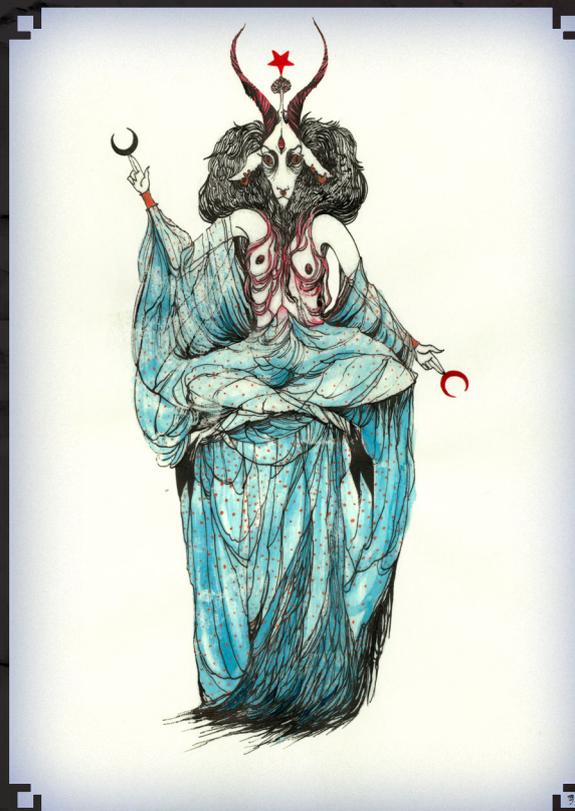
Goécia, Demonologia & Diabologia na Quimbanda A Incursão Diabólica no Brasil Segunda Parte

APRESENTAÇÃO

Na primeira parte desse ensaio, publicado na última edição da *Revista Nganga* (No. 4), fizemos uma introdução concisa sobre a *incursão diabólica* da demonologia e diabologia europeia na feitiçaria tradicional brasileira em seus *dois momentos*. Nessa segunda parte continuaremos a discussão para que, nas próximas edições, possamos contextualizar a Quimbanda no moderno renascer da magia dos grimórios. Para isso, teremos que falar um pouco sobre o desenvolvimento de certas ideias e conceitos, crenças e entendimentos teológicos, mágicos, religiosos e sociais no curso da história ocidental, focando nas culturas grega e romana. Não se trata de uma tarefa fácil em uma revista como essa, mas nos empenharemos para concluir esse estudo nas edições subsequentes, porque para se entender como os demônios do GIMORIUM VERUM vieram a ser associados aos Exus da Quimbanda, no trabalho de Aluizio Fontenelle, é necessário compreender o que são estes demônios e como a herança cultural do Ocidente e a *Arte Notória*^[1] influenciou a Quimbanda.

Nessa parte do estudo preparamos textos em blocos, separados por seções e que não possuem continuidade linear aparente entre eles. Isso significa que eles podem ser lidos separadamente, cada um contendo início e fim. No entanto, quando lidos até o final da últi-

[1] *Arte Notória (Ars Notoria)*, *Arte dos Sábios*, *Arte dos Magi* etc. são termos que definem a prática da arte da magia nas suas três áreas fundamentais tradicionais: astrologia, alquimia e magia ritual (ou magia cerimonial).



ma seção, eles construirão um entendimento mais amplo e sólido sobre o tema. Esse método foi aplicado no primeiro volume do *DAEMONIUM* e deu muito certo.

Na edição anterior citamos três pontos fundamentais a serem abordados sobre a *incursão diabólica* no segundo momento do Culto de Exu no Brasil: 1. o que Aluizio Fontenelle chamou de Quimbanda; 2. a conexão entre a Quimbanda, o mal e o Diabo; e 3. a associação entre espíritos dos mortos e os de-

mônios. Infelizmente, por conta do espaço só abordamos as duas primeiras questões. Aqui nos debruçaremos sobre a associação entre os espíritos dos mortos e os demônios na Roma da Antiguidade tardia, período onde floresceu o cristianismo. Esse tema será concentrado no texto da última seção desse ensaio: *Maleficium, os Mortos e suas Associações com os Demônios*.^[2]

O entendimento acerca dos demônios na tradição mágica ocidental foi profundamente associado e/ou influenciado pela tradição salomônica dos grimórios, que se inicia com um texto pseudoepigráfico construído nos primeiros séculos de nossa era, O TESTAMENTO DE SALOMÃO. Esse é o texto que inaugura a tradição salomônica dos grimórios e que influenciou profundamente os redatores do NOVO TESTAMENTO e a compreensão que os primeiros cristãos possuíam acerca de demônios. As ideias contidas nas lendas de São Cipriano acerca do papel dos demônios e sua importância nos grimórios medievais vêm desse primeiro texto. Belanger, ocultista pesquisadora da tradição dos grimórios diz:

O TESTAMENTO DE SALOMÃO e a tradição relacionada a este livro tiveram um tremendo impacto sobre o conceito europeu de demônios. Essa tradição ajudou a estabelecer a crença de que demônios poderiam ser compelidos e aprisionados usando os nomes de anjos e os nomes sagrados de Deus. Ela apresenta os demônios como uma força real sobre o mundo [...] atormentando a humanidade com morte, desastre e pestilência. Esses conceitos já tinham ampla presença na demonologia de outras culturas antigas, desde os sumérios aos egípcios e gregos, mas com o Rei Salomão na história, o material se tornou também relevante aos cristãos, judeus e muçulmanos. O TESTAMENTO DE SALOMÃO ajudou ainda a promover a ideia de que muitos demônios eram ou anjos caídos ou a progênie mal concebida que esses anjos geraram ao virem à terra – um conceito que se liga ainda a tradições mais antigas presentes nas lendas judaicas e su-

[2] Por razões de espaço deixamos de fora dessa pesquisa à associação entre os mortos e os demônios na cultura grega, muito embora em algum momento nós tenhamos cruzado referências e indicado obras para o estudo e aprofundamento.

gerida pelos primeiros capítulos do LIVRO DO GÊNESIS.

Composto em algum momento nos séculos do começo da era cristã, O TESTAMENTO DE SALOMÃO provavelmente começou como um texto judaico, mas já demonstra evidências de uma composição cristianizada – mudanças e inserções feitas a fim de refletir as crenças cristãs.^[3]

Para compreendermos a influência da tradição salomônica dos grimórios na Quimbanda, primeiro precisamos entender como essa tradição nasceu. Isso é tema do texto da segunda seção deste ensaio: *As Origens da Tradição Salomônica*.

A Quimbanda Nãgô, diferente da *Kimbanda Malei*^[4], foi profundamente influenciada por um texto moderno da tradição dos grimórios: o GRIMORIUM VERUM. Esse grimório é conhecido por descomplicar as técnicas de subjugação de demônios contidas nos grimórios salomônicos mais tradicionais, aproximando-se das práticas populares de feitiçaria.^[5] Nele estão presentes os sacrifícios, oferendas e pactos que refletem a magia do Mundo Antigo e culturas arcaicas, que estiveram ausentes dos

[3] M. Belanger. DICIONÁRIO DOS DEMÔNIOS. Darkside, 2020.

[4] Ao falar acerca das Sete Linhas de Quimbanda em seu *KIMBANDA: AS RAÍZES PERDIDAS DA KIMBANDA MALEI* (edição particular do autor), o feitiçeiro Muloji diz: [...] *Com o tempo, alguns feitiçeiros aderiram a mesclagem da Kimbanda Nãgô com a cabala goética dos demônios, formando assim um submundo oculto para as práticas proibidas.* Ao descrever os comandantes-chefes de cada uma das Sete Linhas, Muloji diz que *a Malei abre uma brecha para interpretação devido a ser comandada pelo Exu Rei e seu enviado general Exu rei das 7 Encruzilhadas*, apresentando sem nenhum tipo de esclarecimento o demônio Asmodeus, o pior dos demônios segundo o apócrifo *LIVRO DE TOBIAS*, como o general da Kimbanda Malei. Sendo este o caso, tecnicamente é mais correto associar a Kimbanda Malei a goécia medieval do que a Quimbanda Nãgô. Como veremos nesse ensaio, é incorreto associar o *ARS GOETIA* a Quimbanda Nãgô, por inúmeros motivos técnicos que serão esclarecidos no texto. Agora, uma vez que Asmodeus é um dos mais celebrados espíritos do *ARS GOETIA*, reputado como o demônio que destronou o Rei Salomão, e descrito nos manuais de demonologia como descobridor de riquezas (e portanto distribuidor delas aos seus escolhidos, faz mais sentido associar a Kimbanda Malei a goécia salomônica do que a Quimbanda Nãgô. De acordo com a tradição rabinica Asmodeus é o mesmo Samael e no *DICIONÁRIO INFERNAL* de J. Collin de Plancy (Editota UnB, 2019), ele aparece como a própria Serpente que tentou Eva. Veja também M. Belanger. *DICIONÁRIO DOS DEMÔNIOS*. Darkside, 2020.

[5] Tradicionalmente a feitiçaria dos grimórios se manteve distante da feitiçaria popular, associada diretamente ao culto ao Diabo e a bruxaria. Ambas as tradições se influenciaram e suas técnicas começaram a convergir nos grimórios tardios dos Sécs. XVII e XVIII. Nas edições modernas de *O LIVRO DE SÃO CIPRIANO* a partir do Séc. XIX essa convergência tornou-se definitivamente tangível.



grimórios salomônicos tradicionais. Por conta dessa descomplicação nas técnicas mágicas, foi mais fácil associá-lo a Quimbanda, que tradicionalmente já as utiliza em seu enredo mágico. Exploraremos essa ideia no texto da terceira seção desse ensaio: O Grimorium Verum & a Incurção Diabólica no Brasil.

A Quimbanda foi profundamente influenciada pela tradição europeia de magia (que inclui a feitiçaria popular e a tradição erudita dos grimórios).

A percepção de que demônios são criaturas inferiores ao homem, portanto passíveis de serem dominados, bem como a estrutura hierárquica dos espíritos na Quimbanda, são frutos dessa influência. Esse tema é explorado no texto da quarta seção desse ensaio: A Natureza Estúpida dos Demônios & a Hierarquia de Exus na Quimbanda como Herança dos Grimórios.

Qual o objetivo de abordarmos a *incurção diabólica* na Quimbanda? Existe um movimento que busca diminuir a associação entre os demônios e os Exus na Quimbanda, como se tudo isso fosse uma fantasia criada pela cabeça de um umbandista-ocultista desassociado da realidade. Mas, o fato é que Aluizio Fontenelle resgatou uma tradição antiga da magia: a associação entre os mortos e os

demônios na arte da necromancia. Para fazer um contraponto iniciamos, na última edição, um estudo mais abrangente sobre demonologia, diabolismo e o mal na Quimbanda. A intenção de dissertar sobre esses temas não é só desmistificar a Quimbanda como culto brasileiro tradicional ao Diabo, mas também clarear os fatos históricos da incurção diabólica no Brasil. Há um movimento *contra-diabo* em algumas famílias de Quimbanda, de Umbanda e até de Candomblé - que muito embora não tenha nada a ver com isso, gosta de se meter na Quimbanda de modo geral. Então, o questionamento é esse: se a angeologia católica-judaico-cristã invadiu a Umbanda e outras tradições afro-brasileiras em meandros que até agora se mostraram confusos, por que a demonologia e o diabolismo estão sendo deixados de fora do contexto histórico?

Se a angeologia teve importância no desenvolvimento do pensamento religioso e mágico do Ocidente, mais importância ainda teve a demonologia. A demonologia, no contexto da Antiguidade clássica e tardia, é o estudo da natureza dos *daimones*. O termo demonologia vem da teologia cristã e designa o estudo acerca dos demônios, a forma cristã, corrupta e pejorativa do termo *daimon*. Por conta dessa corrupção etimológica, o imaginário cultural



ocidental conecta a iconografia cristã dos demônios (com pés de bode e chifres a partir de uma resignificação do sátiro greco-romano para o Diabo/Satanás adversário medieval)^[6] a palavra *daimon*.

Nossa intenção é, portanto, fazer um contraponto dentro de uma jornada de contextualização histórica para podermos compreender a *incursão diabólica* na Quimbanda. Por conta de espaço não nos concentraremos, nesse estudo, na figura do Diabo, mas apenas os seus servos, os demônios. Mas, pretendemos preencher essa lacuna em nossas próximas edições. Dessa forma, esperamos contribuir na comunidade de *kimbandas* e ocultistas brasi-

[6] A SEPTUAGINTA, a tradução do VELHO TESTAMENTO para o grego koiné, apresenta a palavra hebraica *śā'ir* (bode) no LIVRO DE ISAÍAS (34:14) como *daimônia* (demônio). É conclusivo a julgar pela tradução grega dos textos hebraicos que os judeus de Alexandria consideravam o bode uma criatura maligna, endiabrada. A SEPTUAGINTA influenciou profundamente o desenvolvimento da demonologia neotestamentária. A religiosidade de culturas antigas como a Suméria, Babilônia e Acádia influenciou também a religiosidade dos hebreus. Era uma prática comum na religião suméria expulsar e transferir demônios para veículos animais como porcos e bodes. No LIVRO DE MARCOS (5:11-16) encontramos Jesus expulsando uma legião de demônios e transferindo-os a porcos.

leiros, elucidando e clareando a natureza da Quimbanda como uma arte de magia negra diabólica, genuinamente brasileira.

TEXTO . I .

INTRODUÇÃO CONCISA AO ESTUDO: UMA NOTA GERAL SOBRE DAIMONES, DEMÔNIOS, GOÉCIA, O DIABO PESSOAL E A INCURSÃO DIABÓLICA NA QUIMBANDA

Para começarmos a compreender a importância da *incursão diabólica* na Quimbanda, primeiro é necessário esclarecer termos e contextualizar ideias. Algumas são fundamentais como:

1. Na Quimbanda lidamos com daimones ou com demônios?
2. A Quimbanda Nâgô é cruzada ou não com a goécia salomônica?^[7]

Essas ideias devem estar claras para compreendermos a fusão mágico-cultural entre demônios e Exus no *segundo momento* da feitiçaria tradicional brasileira^[8] e, essa compreensão, passa pelo desenvolvimento de certos conceitos no curso da história.

O significado de um conceito ou ideia não está na sua gênese, mas no desenvolvimento de sua significação no imaginário cultural, ao longo da história. Duas palavras e as ideias a elas associadas são importantes aqui: *goécia* e *demônio*. O termo *goécia* vem do grego *goêtes*, que se traduz como feiticeiro, bruxo, encantador ou adivinho. O singular *goês* se tratava de um especialista em lidar com os mortos e sua arte foi chamada de *goêteia*.^[9] Esses termos

[7] Autores como Alexandre Cumino (História da Umbanda, Madras, 2019) insistem que Fontenelle *cruzou* a atuação dos Exus da Quimbanda com a goécia medieval. Essa alegação é inconsistente. Os métodos do GRIMORIUM VERUM não são os mesmos do ARS GOETIA (ou LEMEGETON), como ficará claro nesse ensaio.

[8] Por feitiçaria tradicional brasileira entenda Quimbanda. Esse foi um termo cunhado por Tâta Nganga Kamuxinzela em 2019 e hoje é utilizado amplamente pelos *kimbandas* do Brasil. Sobre os dois momentos da Quimbanda no Brasil, veja *Revista Nganga No. 4*. Sobre a alegação de que *não existiu um primeiro momento da Quimbanda no Brasil Colônia, entenda esse primeiro momento como as raízes coloniais* da Quimbanda. Indico o ensaio *A Gnose do Diabo* em Humberto Maggi. SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2016.

[9] Para um aprofundamento no tema veja Fernando Liguori. DAEMONIUM (Vol. I). Clube de Autores, 2019. Veja também Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020.

foram elaborados a partir da raiz *goos*, que significa *chorar, lamentar*, porque as conjurações aos mortos nesse período clássico grego - Séc. V a.C., se tratavam de lamentações fúnebres. Essas lamentações eram executadas diretamente na cova ou tumba dos falecidos e a eles eram oferecidos sacrifícios e oferendas como libações de mel e leite. Com o tempo, a prática da goécia grega foi associada a convocação não só de mortos, que poderiam agir para auxiliar os vivos - os *nekydaimones* -, mas também a toda sorte de espíritos ctônicos sob a autoridade mágica de deusas como Hécate ou Serápis. Na interpretação cristã dessa prática de feitiçaria grega, a goécia passou a ser considerada uma prática ainda mais ilícita, associada a todo tipo de demônios. É aqui que o termo *daimon* se torna importante a nossa compreensão.

Muitas pessoas associam a palavra *daimon* a Quimbanda, o que é um equívoco. Para entender isso precisamos esclarecer o desenvolvimento desse conceito na história. A palavra *daimon* evoluiu com o tempo. Ela aparece primeiro na Ilíada e na Odisseia de Homero, como referência aos próprios deuses do Olimpo. Em Hesíodo, os *daimones* aparecem como a alma dos homens que haviam vivido na era dourada da humanidade, responsáveis por distribuir as riquezas pelo mundo. O *daimon*, como distribuidor de coisas boas ou ruins, está em acordo com a origem etimológica da palavra. Nesse contexto, Zeus seria o grande *daimon*, por distribuir todas as coisas boas, mas também ruins, a humanidade.

O interessante é que, em Hesíodo, os *daimones* passam a ser criaturas espirituais intermediárias entre os homens e os deuses, além de terem a conotação de almas de mortos. Platão reforça a ideia dos *daimones* como criaturas espirituais intermediárias e distribuidoras de riquezas, destacando Eros como o grande *daimon*. No fim da Antiguidade, a palavra *daimon* já era utilizada como sinônimo de espírito, indicando qualquer agente espiritual, não importando a diferença. Mortos, criaturas da natureza benfazejas ou malélicas e deuses, todos eram chamados de *daimones*. Herdando concepções de Plotino, Jámblico destaca o valor do *daimon pessoal*, ideia fundamental por trás do conceito medieval e moderno de Sagramento Anjo Guardião.

É somente na SEPTUAGINTA - i.e. o Velho

Testamento traduzido para o grego koiné no Séc. III d.C. pela primeira vez - que a palavra *daimon* aparece de forma pejorativa, designando os deuses adorados por outras nações.^[10] É a partir da tradução latina da SEPTUAGINTA que os termos *daimon* (já como demônio) e anjo começam a ter o significado que hoje conhecemos e usamos.^[11]

Como será demonstrado na terceira seção, *O Grimorium Verum & a Incursão Diabólica no Brasil*, é a concepção ou interpretação cristã-católica de demônio que chegou até a Quimbanda, não a interpretação grega do termo *daimon*. Portanto, na Quimbanda não existe convergência cultural ou religiosa com *daimones* gregos, mas com demônios associados fundamentalmente ao GRIMORIUM VERUM, ainda que não limitando-se somente a ele nos dias de hoje.^[12]

Demônios associados ao LEMEGETOM ou até mesmo ao MAGIA SAGRADA DE ABRAMELIN podem ser associados aos Exus da Quimbanda Nàgô, mediante o procedimento correto, que é o segredo da prática.

A Quimbanda Nàgô foi a primeira a incorporar, em suas práticas de feitiçaria, o diabolismo e a demonologia medievais. Como temos explicado, em vídeos, artigos e postagens no Instagram, é um erro crasso dizer que a Quimbanda Nàgô é sincretizada com *daimones* ou que adotou técnicas do ARS GOETIA.

Primeiro que os espíritos dos grimórios medievais não são *daimones*, como compreendidos na magia grega, mas demônios como compreendidos na cosmovisão cristã. São esses demônios da cosmovisão cristã que estão nos grimórios - fundamentalmente no GRIMORIUM VERUM - e que chegaram até a Quimbanda.

Segundo, os espíritos do GRIMORIUM VERUM - exceto quinze deles - não são os mes-

[10] Para uma catalogação do termo *daimon* (ou demônio) na SEPTUAGINTA veja Carlos Augusto Vailatti. MANUAL DE DEMONOLOGIA. Fonte Editorial, 2011. A SEPTUAGINTA teve grande influência nas ideias e conceitos acerca de demônios nos redatores do NOVO TESTAMENTO. Embora superficial em alguns pontos e contenhas erros em outros, a obra de Carlos Augusto Vailatti é valiosa pela longa catalogação de referências bíblicas, neotestamentárias e pseuepigráficas.

[11] Veja dois volumes de Humberto Maggi. THESAURUS MAGICUS (Vol. III). Clube de Autores, 2015. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020.

[12] Com a evolução do culto, a associação entre Exus e demônios não está limitada aos espíritos do GRIMORIUM VERUM. Hoje é possível associar Exus e Pombagiras a uma miríade de demônios pertencentes ou não a tradição dos grimórios.

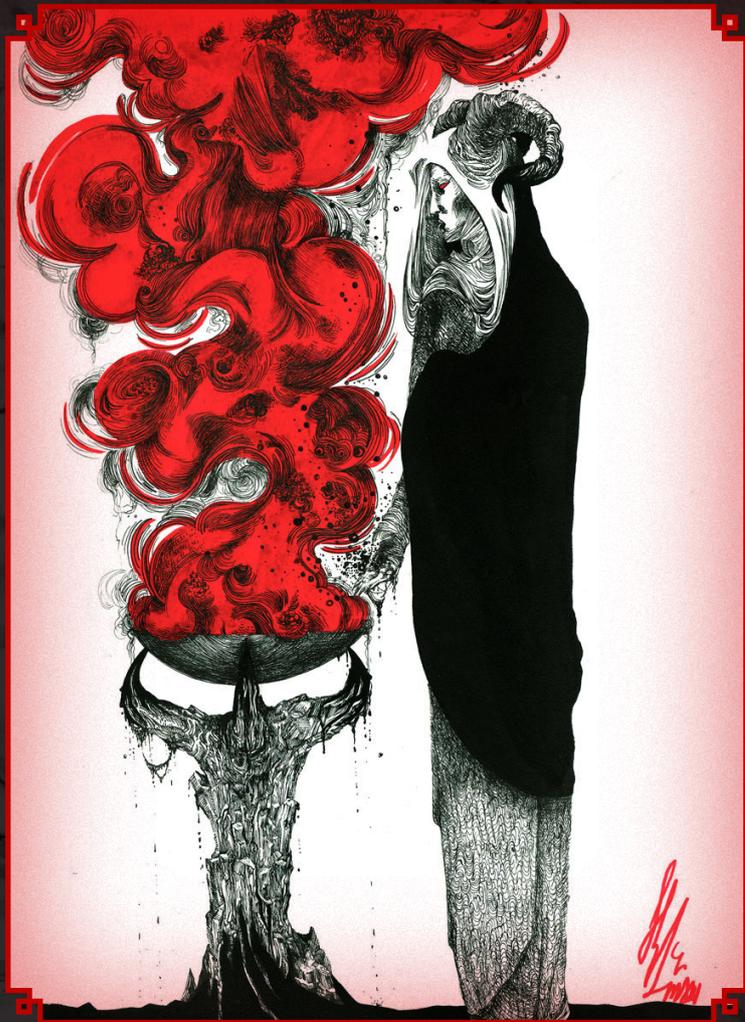
mos do ARS GOETIA, assim como as técnicas para convocá-los também mudam ou são simplificadas drasticamente, envolvendo sacrifícios e oferendas - técnicas ausentes dos primeiros grimórios salomônicos e presentes nos grimórios modernos. Como veremos abaixo, na terceira seção *O Grimorium Verum & a Incursão Diabólica no Brasil*, são essas técnicas distintas do GRIMORIUM VERUM que o aproximam da estrutura de práticas mágicas da Quimbanda.

O *Diabo Pessoal* na Quimbanda Nãgô é o espírito demoníaco conectado ao Exu tutelar. Com o desenvolvimento de nossa arte mágica, estes espíritos não necessitam ser exclusivamente àqueles presentes no GRIMORIUM VERUM ou àqueles presentes no ARS GOETIA. Damos ênfase nisso porque a família *Cova de Cipriano Feiticeiro* não utiliza tabelas prontas para esse tipo de trabalho, como as inúmeras que existem disponíveis na internet. Não apenas consideramos essas tabelas burras, mas avessas ao genuíno espírito da magia e da feitiçaria. Imagine esse caso:

As tabelas prontas de internet sempre conectam o Exu Marabô ao demônio Put Satakia. Ora, se todo Exu Marabô está conectado com esse *Diabo Pessoal*, um feiticeiro com domínio da arte pode convocá-lo quando quiser e até prendê-lo, prejudicando o ofício mágico do feiticeiro vítima do ataque. É burrice seguir essas tabelas, da mesma maneira que na goécia tradicional é burrice utilizar os mesmos nomes tradicionais no triângulo da arte (já falamos disso em vários vídeos antigos do YouTube).

O método utilizado pela nossa família de Quimbanda Nãgô, a *Cova de Cipriano Feiticeiro*, para descobrir o demônio conectado ao Exu tutelar é próprio e envolve conhecimentos arcanos de astrologia, magia ritual e oráculo.

Um argumento utilizado para depreciar o pontapé inicial de Aluízio Fontenele, na concepção da Quimbanda como a conhecemos hoje, é que o Diabo e suas relações com os de-



mônios foram uma invenção do cristianismo. Isso é pura desonestidade intelectual. Os demônios no cristianismo são uma reinterpretação das crenças judaico-helênicas d'O LIVRO DE ENOCH, do LIVRO DOS JUBILEUS e de outras fontes pseudoepigráficas do início de nossa era, como O TESTAMENTO DE SALOMÃO, dentro do que ficou conhecido como *interpretatio romana*, que considerou os demônios apenas como criaturas malignas da região sub-lunar (aéreas, telúricas e ctonianas). A *interpretatio romana* não inovou uma visão acerca dos demônios, apenas plagiou e organizou, dentro de um contexto cristão, as ideias de filósofos que já se debruçavam sobre o tema, como Porfírio de Tiro (234-304 d.C.) e Jâmblico de Cálcis (245-325 d.C.).

A maior fonte da *interpretatio romana* foram as ideias e formulações teológicas de Santo Agostinho (354-430 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.) - embora muitos outros teólogos tivessem sido importantes na elaboração das ideias cristãs sobre os de-

mônios, como Papa Gregório I (540-604 d.C.) ou Gregório, o Grande ou Isidoro de Sevilha (560-636 d.C.).

Na Antiguidade, quando o cristianismo ainda era uma criança em formação, formaram-se inúmeras cosmovisões conflitantes na região do Mediterrâneo. Todas elas, no entanto, convergiam em ponto: na crença em demônios da região sub-lunar.

A demonologia era um tema comum da época, discutida por teólogos, filósofos e personalidades religiosas e mágicas. Era comum a crença em demônios diversos, inclusive nas questões sanitárias, pois muitas doenças eram creditadas a suas ações e exorcistas eram os curandeiros que expulsavam os demônios promovendo curas.

É uma farsa, portanto, dizer que o cristianismo inventou o Diabo ou os demônios; isso é uma mentira baseada em falta de estudo e ignorância travestida de sapiência. É uma desonestidade intelectual dizer que não há convergência entre demônios e espíritos dos mortos (e Exus são espíritos de mortos deificados) na intenção de desacreditar Aluizio Fontenelle. Ele pode ter pecado por imprecisão, não por charlatanismo.

A Quimbanda pode ser considerada, de modo geral, a *goécia brasileira*. Para tanto, deve-se considerar dois pontos: i. a goécia grega é a prática da necromancia, ou seja, a comunicação com os mortos; ii. a goécia pós *interpretatio romana* é a convocação e impreciação de demônios. A Quimbanda é uma arte de feitiçaria necromântica, pois lida com Exus (espíritos de mortos deificados e *égún* diversos) e, estes, por sua vez, têm domínio sobre demônios aéreos, telúricos e ctonianos.

TEXTO . I I .

AS ORIGENS DA TRADIÇÃO SALOMÔNICA^[13]

Em uma passagem do TALMUD, descobrimos que os judeus reconhecem que a magia vem do Egito: *Dez medidas de magia vieram ao mundo. O Egito recebeu nove delas, o resto do*

[13] Para uma introdução concisa veja Humberto Maggi. *THE-SAURUS MAGICUS* (Vol. VI). Clube de Autores, 2019. Para uma apurada coleção de textos sobre o Rei Salomão em português veja Humberto Maggi. *SALOMÃO: LENDA E LITERATURA*. Clube de Autores, 2021.

mundo só uma (49b).

Não existem fontes que provem a existência de uma magia judaica antes dos primeiros séculos da presente era. Não há registros de métodos mágicos utilizados pelos judeus - a chamada magia salomônica - no período pré-cristão. Em fontes judaicas as magias só começam a aparecer nos hinos de exorcismo, no Séc. III d.C.

Não existiu, portanto, uma tradição salomônica de magia antes de Jesus Cristo.

A magia judaica, como temos conhecimento, só nasceu com a influência da magia greco-egípcia. É somente a partir do Séc. III d.C. que testemunhamos o nascimento de uma tradição judaica de magia.

É interessante notar que a influência judaica na magia dos papiros não incluía métodos ou técnicas de magia, mas apenas o uso dos nomes de Deus, anjos e demônios. Isso demonstra - e é só mais uma prova - que a magia presente nos grimórios salomônicos não é judaica, mas greco-egípcia, cuja origem são os PAPIROS MÁGICOS GREGOS.

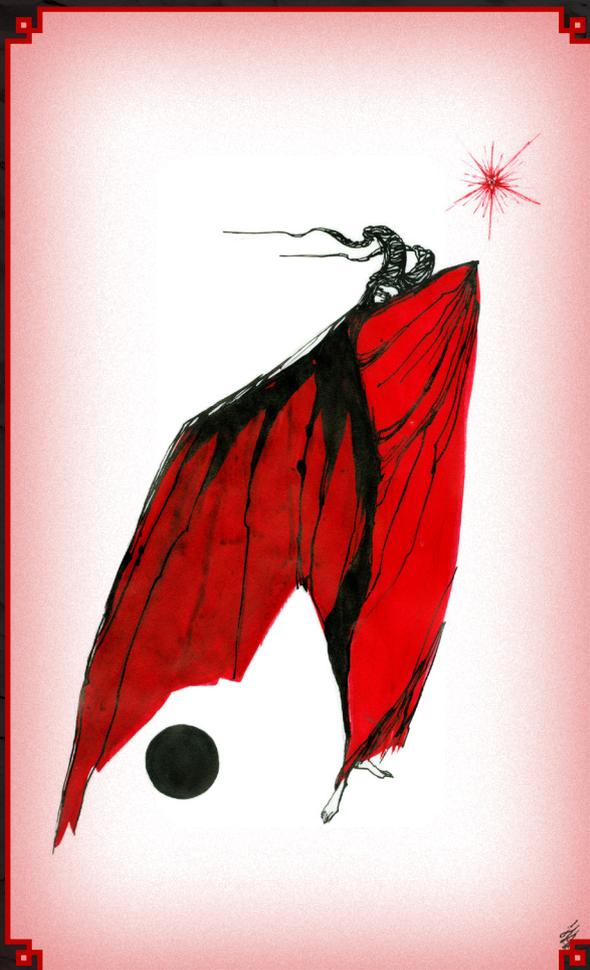
Isso contrastou com a ideia equivocada que a, assim chamada, tradição salomônica da magia foi iniciada pelo Rei Salomão do VELHO TESTAMENTO e, pior que isso, o Rei Salomão praticou a magia que está nos grimórios salomônicos. Existe um consenso iletrado de que a magia salomônica é a magia que o Rei Salomão praticou. São vários os motivos para que essas afirmações não sejam verdadeiras. Um deles é: a tradição salomônica da magia nasceu a partir de duas importantes fontes. A primeira delas é O TESTAMENTO DE SALOMÃO, que apareceu nos primeiros séculos de nossa era. Esse é o texto que inaugura a tradição salomônica da magia e estabelece seu elemento central e fundamental, a *chave* da prática: o poder para se comandar os espíritos da Natureza é uma dádiva, benção ou dom conferido pelo próprio Deus. O elemento central posteriormente foi transmitido aos textos da tradição salomônica e a outros grimórios modernos como o GRIMORIUM VERUM e o GRAND GRIMOIRE.

A ideia central da tradição salomônica é inspirada no PRIMEIRO LIVRO DE REIS, quando Salomão é arrebatado por uma epifania. Mas, em O TESTAMENTO DE SALOMÃO, ela é apresentada em um contexto diferente: após Salomão dirigir-se a Deus, com preces para

obter auxílio contra as forças de um demônio, Deus lhe envia o Arcanjo Miguel, o qual lhe apresenta um anel mágico capaz de comandar qualquer demônio. O anel descrito tem um pentagrama cravado em pedra. O pentagrama é e sempre foi, na tradição da magia, o símbolo mágico de imprecação demoníaca. É a força do equilíbrio que o pentagrama estabelece sobre os elementos que lhe dota de poder sobre as criaturas dos elementos ou regidas por eles.

É interessante a cristalização da ideia que, através de uma piedade de orações e a prática dos preceitos de Deus, recebe-se a autoridade sobre as criaturas da Natureza. Mas, assim como Salomão teria perdido essa autoridade por se lançar em idolatria e culto aos deuses pagãos, qualquer um que deixa de seguir os preceitos de Deus e começa a levar uma vida de indulgências também perderá ou nunca conquistará a autoridade mágica requerida para compelir os demônios.

A segunda fonte importante da qual nasce a tradição salomônica é o TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO, o HYGROMANTEIA.



A palavra HYGROMANTEIA tem sido considerada uma técnica de divinação através da água, no entanto, no contexto do grimório segundo Stephen Skinner e David Rankini^[14], a palavra pode estar indicando uma antiga prática de restringir demônios em urnas, jarros ou vasos de água feitos em metal. Foi daí que tiramos a ideia prática de construir um triângulo da arte de concreto e nele incluir água, pois, a água tem se mostrado desde a Antiguidade um portal entre mundos. Nada melhor que um triângulo da arte com água para manifestação demoníaca. O TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO é, sem dúvidas, um dos livros mais importantes da tradição da magia: ele estabelece a ponte entre a magia grega e aquela apresentada nos grimórios, definindo o que seria o tripé da magia salomônica: a cosmologia cristã, a metalinguagem judaica e a estrutura de magia greco-egípcia. Sem este tripé a tradição salomônica não existiria, muito menos os grimórios que a sucederam.

A CHAVE DE SALOMÃO, bem como todos os grimórios posteriores, beberam do TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO. Sem ele, por exemplo, a hierarquia demoníaca apresentada nos grimórios tardios e até mesmo o Lemegeton não faria sentido algum. O GRAND GRIMOIRE, o GRIMORIUM VERUM, o ABRAMELIN, assim como todos os manuais de feitiçaria após o Séc. XV, têm como base o TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO. Nele, o poder das operações de magia vem das pedras, das ervas e dos encantamentos (palavras), bem como do conhecimento das posições dos astros. Herdando fontes bizantinas, as quais o preservaram até sua introdução na Europa na Idade Média, bem como a estrutura d'O TESTAMENTO DE SALOMÃO, o TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO instrui na invocação de anjos e demônios: anjos para magia do bem e demônios para magia do mal. Essa é uma típica dicotomia cristã, separar anjos bons de demônios maus, todavia tanto anjos quanto demônios como aliados do mago.

Podemos classificar o TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO como a extensão fiel do que é apresentado em O TESTAMENTO DE SALOMÃO.

Acima dissemos que, no TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO, o poder das operações de

[14] Stephenn Skinner e David Rankini. THE GOETIA OF DR. RUDD. Golden Hoard Press, 2013.

magia vem das pedras, das ervas e dos encantamentos (palavras), bem como do conhecimento das posições dos astros. Esse foi um conhecimento transmitido de Salomão a Robão, já no início do grimório, em um diálogo entre eles. Então, diferente daquela ideia apresentada em O TESTAMENTO DE SALOMÃO, que o poder da magia e autoridade do mago sobre os espíritos vem de Deus, o TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO estabelece que o poder da magia está contido nas plantas, pedras e encantamentos. Tal estrutura muda novamente em a CHAVE DE SALOMÃO; no diálogo apresentado entre Salomão e Robão, a ideia do PRIMEIRO LIVRO DE REIS que subjaz O TESTAMENTO DE SALOMÃO é restabelecida e o poder da magia passa a ser atribuído ao mérito pessoal do mago: ou seja, através de uma piedade de preces e ações, segundo os desígnios de Deus, é possível ter poder na magia. Essa é a verdadeira Chave de Salomão, o verdadeiro segredo. Mas, o GRIMORIUM VERUM recupera a visão do TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO, destacando o valor do pacto demoníaco, sacrifícios e oferendas aos demônios, aproximando a tradição dos grimórios das práticas populares de feitiçaria da época. Isso tornou o GRIMORIUM VERUM um manual de feitiçaria diabólica bem popular.

Práticas como essas estiveram distantes da tradição dos grimórios, incluindo as incorporações pelos espíritos, compreendidas como *possessão demoníaca* pela igreja e sociedade da época - fruto da visão cristã construída desde a Antiguidade - e fizeram o GRIMORIUM VERUM se aproximar das práticas animistas e fetichistas de culturas arcaicas da magia, como aquelas que vinham da África. Por isso, inúmeras tradições crioulas nas Américas do Novo Mundo começaram a surgir com profunda influência da magia dos grimórios. A Quimbanda é uma delas.

São essas práticas arcaicas da magia o elo entre grimórios tardios, como o GRIMORIUM VERUM, e as tradições afro-brasileiras e afro-caribenhas derivadas da diáspora africana.^[15]

Toda tradição salomônica desenvolveu-se dentro da cosmovisão cristã a partir dos primeiros séculos de nossa era, herdando a prática mágica grega apresentada nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS e mantendo a metalinguagem

[15] Veja a primeira parte deste ensaio na Revista Nganga No. 4.

judaica do VELHO TESTAMENTO, evangelhos apócrifos e textos pseudoepigráficos. Mas, com a abertura dos grimórios tardios, após o Séc. XVIII para práticas arcaicas da magia esquecidas, viabilizou sua absorção por culturas religiosas do Novo Mundo. Foi assim que o GRIMORIUM VERUM chegou até a Quimbanda.

TEXTO . I I I .

O GRIMORIUM VERUM & A INCUR-SÃO DIABÓLICA NO BRASIL

Sobre esses demônios menores^[16], é uma visão comum que eles se tratam de «espíritos estúpidos» e de muitas maneiras inferiores ao homem. Essa visão é consistente com a prática de coagi-los e conjurá-los. O propósito pelos quais eles são empregados está longe de ser sublime: a conquista de valores materiais, o favorecimento de autoridades ou do sexo oposto, abertura de [caminhos] fechados etc.^[17]

No início da década de 1950 a comunidade afro-brasileira, especificamente a Umbanda em franco desenvolvimento, foi impactada com as obras de um ocultista espírita e umbandista chamado Aluízio Fontenelle. Muito pouco se sabe sobre Fontenelle, autor de três obras^[18] que apresentavam a Quimbanda sob uma visão que vinha crescendo desde a década de 1930: uma arte de magia negra, cujo objetivo notório era a prática do mal, um culto brasileiro ao Diabo que tinha como protagonista principal um espírito endiabrado chamado Exu. Inaugurava-se, através das obras de Fontenelle, o *segundo momento* da feitiçaria tradicional brasileira, onde a Quimbanda, nome que substituiu as antigas práticas da Macumba, foi definitivamente e publicamente associada ao mal, ao Diabo e aos demônios de um grimório europeu de feitiçaria diabólica chamado GRIMORIUM VERUM.

A principal contribuição de Fontenelle foi

[16] N.T. Quer dizer, demônios abaixo da trindade Lúcifer, Ash-taroth e Beelzebuth.

[17] Joseph H. Peterson. GRIMORIUM VERUM (edição, notas e tradução). CreateSpace, 2007.

[18] O ESPIRITISMO NO CONCEITO DAS RELIGIÕES E A LEI DE UMBANDA de 1950, Exu de 1951 e A UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS de 1951. Foi o livro Exu de 1951 sua obra mais famigerada, onde Fontenelle apresenta pela primeira vez os Exus da Quimbanda sincretizados com os demônios do GRIMORIUM VERUM.

para o desenvolvimento da Quimbanda, um sistema mágico-religioso de origem africana, mas que também deve muito a feitiçaria popular portuguesa e ao kardecismo francês; trechos de sua obra Exu foram copiados e reutilizados (sem os devidos créditos) por vários escritores umbandistas posteriores, como Molina e Antônio de Alva. Foi Fontenelle quem popularizou (senão foi ele quem realmente começou) a conexão entre a Quimbanda e a magia europeia dos grimórios, identificando vários espíritos da Quimbanda com demônios do GRIMORIUM VERUM [...].

A Quimbanda que Fontenelle descreveu assume no alto de sua hierarquia os três Chefes do GRIMORIUM VERUM, Lucifer, Beelzebuth e Ashtaroth, e identificava vários dos Exus mais conhecidos da época com outros demônios desse grimório, reutilizando com frequência os sigilos originais nos seus pontos riscados. Esse arranjo se tornou tão popular quanto polêmico, e serviu de contraponto a influência kardecista que afirma a existência de apenas um tipo de espírito, a alma humana em diferentes estágios de evolução.^[19]

É muito difícil determinar quando as tradições africanas ou europeias foram mais importantes no desenvolvimento de certas características da Quimbanda, [...] o povo banto forneceu a performance ritual básica, com a centralidade da possessão por transe, e a magia demonológica europeia forneceu as características estéticas como as imagens dos Exus e Pombagiras.^[20]

O GRIMORIUM VERUM é um manual de feitiçaria moderno e diferente dos grimórios tradicionais, ele fala mais abertamente sobre a prática da magia negra e o pacto com os espíritos das trevas. Tem uma inclinação bem diabólica – ou *satânica* se preferir –, diferenciando-se de outras fontes, muito embora sua base seja a CLAVÍCULA SALOMONIS e o LEMEGETON. Ele adquiriu popularidade porque dissolveu muitas das dificuldades expostas nas práticas mágicas presentes nos grimórios anteriores, facilitando o acesso aos espíritos demoníacos. Muito embora a maioria dos espíritos demoníacos do GRIMORIUM VERUM – bem como demônios de modo geral – estejam associados

a tradições pagãs anteriores ao cristianismo de várias partes da Europa, Ásia e Mediterrâneo, eles não são *daimones*, mas demônios e dessa maneira, carregam a mácula do mal, segundo a visão cristã. Essa visão foi associada a Quimbanda e aos Exus como agentes do mal. Mas, diferente do tratamento dado a esses demônios nos grimórios salomônicos anteriores, o GRIMORIUM VERUM apresenta uma maneira mais amena e branda de tratá-los, com sacrifícios e oferendas. Esse método está em sincronia com as práticas mágicas da Macumba, que popularmente passou a ser conhecida apenas como Quimbanda.

A lógica de se associar os demônios do GRIMORIUM VERUM ao trabalho com Exus e Pombagiras, criando uma *interface* mágica entre os éteres que eles habitam^[21] para sua conexão, está exposta no próprio GRIMORIUM VERUM: os espíritos menores comandados pela *Trindade do Oposto*, Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth, são espíritos inferiores aos seres humanos. Os Exus e Pombagiras da Quimbanda são almas humanas deificadas. Você sabe o que é uma alma humana deificada? É uma alma que não sofre a *segunda morte*, que mantém sua integridade, ética, memória e todos os complexos da consciência após a morte do corpo físico, habitando em um plano divino – no caso da Quimbanda os Reinos do Chefe Império Maioral – e sendo capazes de auxiliar os vivos em suas demandas. Temos o exemplo dos santos católicos, dos chefes secretos de thelema, dos mestres ascencionados da teosofia etc. como dissertado no texto *Os Poderosos Mortos: Exus & Pombagiras nas Tradições Mágico-Culturais do Mundo*.

Sendo os demônios menores do GRIMORIUM VERUM espíritos inferiores aos homens, portanto compelidos pela autoridade espiritual dos homens, eles também são compelidos pela autoridade espiritual dos Exus e Pombagiras que foram homens e hoje são almas deificadas, da mesma forma que os santos católicos têm poder sobre os demônios na tradição cristã.

[19] Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020.

[20] Humberto Maggi. *A Gnose do Diabo* em SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2016.

[21] Tecnicamente os Exus e Pombagiras habitam os Reinos de Quimbanda, uma zona de poder fora do tempo e espaço, com pontos de força em locais como encruzilhadas, matas, cemitérios etc. Os demônios de modo geral habitam os ares, a terra e as profundezas. Sobre os *pontos de força* associados a Quimbanda e Umbanda veja a *Revista Nganga* No. 4.

Quando falamos do Diabo^[22] na Quimbanda, bem como sobre a associação entre Exus diversos e demônios, temos que saber encontrar essa influência diabólica e miscigenação demoníaca historicamente no tempo. Não só o Diabo, mas também sua hoste de demônios que se encontram hoje na Quimbanda, são àqueles que compuseram o *corpus* literário da Europa medieval, assim como a interpretação da magia naquele período.

Os comentadores medievais sobre os grímórios entendiam a magia de duas formas. De um lado a magia era encarada teologicamente e socialmente como uma forma desaprovada de culto religioso ao Diabo. Essa visão era condenada como uma perversão da própria religião, que se utilizava de ferramentas rituais para conexão, coerção ou impreciação de forças demoníacas. A outra visão tradicionalmente associada à prática da magia queria compará-la a própria ciência, apresentando-a como uma alternativa – talvez equivocada – de construção científica que enfatizava, em contraste com a intervenção de forças demoníacas, os poderes ocultos e forças naturais, as simpatias universais e correspondências mágicas das quais se valia na prática.

A visão depreciativa da magia remonta as interpretações e postulados de Santo Agostinho e que, de fato, foram à primeira tentativa sofisticada de definir a magia como um sistema de comunicação demoníaca que utilizava símbolos e ferramentas rituais, em contraste com o cristianismo que, de igual modo, utilizava símbolos e ferramentas rituais para comunicação com forças divinas. Desse modo, as matérias tradicionais da magia, ou seja, alquimia, astrologia e magia ritual, eram encaradas como superstições que propunham a comunhão explícita ou implícita com demônios. Implícita porque muitas vezes o operador não estava ciente dessa comunicação, devido a significação oculta dos símbolos que ele utilizava e não compreendia completamente. Para Santo Agostinho, qualquer prática mágica, estando o operador ciente disso ou não, tratava-se de idolatria e demonolatria, sendo, portanto, perigosa. Agostinho tinha plena consciência do uso mágico de elementos, palavras e sím-

[22] Por falta de espaço não incluiremos nesse estudo a conexão entre Exu e o Diabo que se fez presente na Macumba e que influenciou profundamente a Quimbanda. Deixaremos esse tópico de estudo para a próxima edição.



bolos, reconhecendo que muitos magos agiam de igual modo aos santos ao utilizá-los. A diferença não era aquilo que se encontrava no plano visível, mas no plano invisível, o que estava secretamente implícito. Enquanto os santos se comunicavam com os poderes divinos do bem para fins exclusivamente espirituais, os magos se comunicavam com as hostes do mal para fins exclusivamente egoístas. Essa visão agostiniana não foi somente herdada de filósofos neoplatônicos, mas perdura até os dias de hoje no contexto do Ocultismo moderno e em algumas famílias de Umbanda e outras tradições afro-brasileiras.

Essa rejeição das práticas mágicas como meio de comunicação com o Diabo e sua hoste de demônios ainda era forte no início da Idade Média e permaneceu assim, mesmo com o surgimento das ideias renascentistas e iluministas da Era Moderna. Em detrimento disso, uma disputada discussão sobre a natureza dos demônios, seus poderes, atuação, influência e o perigo de invocá-los se instaurou nos meios teológicos e científicos (acadêmicos). A tensão nessa inflamada discussão ocorreu porque a concepção medieval de demônio tinha duas fontes: a interpretação grega do *daimon*, um espírito intermediário – neutro, às vezes benéfico e às vezes maligno – poderoso que po-

deria ser invocado e agradado com oferendas e sacrifícios para auxílio dos homens e a concepção católico-romana de *demônio*, um anjo caído e espírito maligno que respondia diretamente ao Diabo e não só corrompia a alma humana ao pecado e causava pragas e doenças, mas que também podia auxiliá-lo, caso fosse imprecado através de símbolos corretos, palavras e ferramentas rituais. Com isso, não era a existência de demônios que estava sendo debatida realmente, mas a competência humana em invocá-los e sua intervenção na Natureza e cotidiano da comunidade cristã.^[23]

Foi a visão católica do Diabo e dos demônios que esteve presente nos primeiros grimórios salomônicos, muito diferente da feitiçaria popular ibérica, onde esses espíritos eram convocados como familiares e auxiliares das bruxas. O GRIMORIUM VERUM, apresenta uma maneira diferente para lidar com esses espíritos malignos, que não diminui sua periculosidade, mas confere um melhor acesso a eles. Isso contribui de forma eficaz para aproximação do GRIMORIUM VERUM com a Quimbanda brasileira, de modo que demônios pudessem ser convocados através dos métodos práticos da Quimbanda. A visão perniciososa dos demônios que tradicionalmente é encontrada nos grimórios, como anjos caídos e agentes do mal, se manteve preservada na Quimbanda, associados ao trabalho de Exu, mas com a possibilidade de tornarem-se espíritos tutelares através de Exu e pelos métodos mágicos da Quimbanda, naturalmente próximos a mecânica de trabalho do GRIMORIUM VERUM.

TEXTO . I V .

A NATUREZA ESTÚPIDA DOS DEMÔNIOS & A HIERARQUIA DE EXUS NA QUIMBANDA COMO HERANÇA DOS GRIMÓRIOS

Nesse estudo estamos nos debruçando sobre a conexão ou convergência entre de-

[23] Observe que quando falamos de Exus controlando demônios na Quimbanda essa discussão medieval volta a tona: a capacidade de compelir os espíritos malignos para que intercedam na Natureza e no cotidiano da comunidade. Em Roma no fim da Antiguidade essa prática foi chamada de *maleficium* e condenada como crime contra o Império. Veja a última seção deste ensaio.

mônios e os Exus da Quimbanda, a incursão diabólica que ocorreu no segundo momento da feitiçaria tradicional brasileira. Na Quimbanda Nãgô os demônios são sincretizados com os Exus, sendo por eles compelidos a trabalhar para o *kimbanda*. Os demônios são uma classe de espíritos malignos, agentes do mal no mundo e nas ações cotidianas do homem.^[24] Essa é uma visão derivada da *interpretatio romana* sobre uma classe de espíritos gregos conhecida como *daimones*. No período que se estende da Antiguidade clássica à Antiguidade tardia, a palavra *daimon* na cultura grega foi aplicada a uma miríade de criaturas espirituais: mortos, espíritos aéreos, telúricos, aquáticos ou ctonianos; espíritos do tempo (horas, dias e estações); espíritos das habitações, regiões e continentes; espíritos das abobadas celestes, espíritos tutelares, benfazejos ou malignos etc.^[25] O equivalente romano ao *daimon* grego era o *genii* (ou *gênio*), termo que também se aplicava a uma miríade de espíritos.^[26]

Durante os primeiros séculos de nossa era, coexistiram inúmeros sistemas espirituais conflitantes acerca da estrutura do cosmos e as leis que o regem.

Os cristãos dos primeiros séculos foram profundamente influenciados por essas cosmovisões, repletas de espíritos malignos que causavam dor e aflição ao homem. A SEPTU-

[24] Veja Santo Agostinho. *A Cidade de Deus* (Vol. I, Livros VIII, IX e X particularmente). Editora Vozes, 2012. Veja também de Santo Agostinho *Sobre a Divinação com Demônios* em Humberto Maggi. *THESAURUS MAGICUS* (Vol. III). Clube de Autores, 2015. Veja São Tomás de Aquino. *SUMA TEOLÓGICA* (Vol. I, Qt. 63). Ecclesiae, 2016.

[25] Michael Psellus (1018-1016) em seu *SOBRE OS DAIMONES* classifica os demônios em *ígneos* (fogo) ou *etéricos, aéreos* (ar), *terrestres* (terra), *aquáticos* (água), *subterrâneos* (ctonianos) e *heliofóbicos* (avessos à luz solar). Essa classificação chegou a aparecer em grimórios fáusticos germânicos. Psellus insistiu que embora os cristãos classifiquem todos os demônios como malignos, os gregos e os caldeus acreditavam que os demônios etéricos e aéreos eram benfazejos. Essa visão foi adotada por muitos magos medievais. Veja Stephen Skinner. *TECHNIQUES OF SALOMONIC MAGIC*. Golden Hoard Press, 2017.

[26] Outro termo, de igual modo discutido em debates acalorados, é *angelos*, que significa *mensageiro*. Em Homero e também no LIVRO DE LUCAS (7:24), *angelos* é um homem encarregado de entregar a mensagem de uma pessoa importante. Nas tábuas de maldição que discutimos em *DAEMONIUM* (Vol. 1) o mensageiro é um agente sobrenatural conectado ao submundo. Estes agentes do submundo foram associados por neoplatônicos como Porfírio de Tiro (234-304 d.C.) a deuses e *daimones*, mencionando anjos divinos e *daimones* benfazejos. Da mesma maneira que ocorreu com o termo *daimon*, o *angelos* como mensageiro também evoluiu com o tempo e de pendendo da circunstância, poderia tanto ser um *daimon* quanto um *angelos*.

AGINTA, o VELHO TESTAMENTO traduzido para o grego koiné, apresentou uma ampla utilização do termo *daimon*, bem como livros apócrifos e pseudoepigráficos e impactou os autores do NOVO TESTAMENTO. Por volta do Séc. I. d.C. havia uma ampla crença em demônios e sobre o amplo uso de exorcismo para bani-los do cotidiano e dos afazeres triviais da vida. No NOVO TESTAMENTO a palavra *daimon* (a presença do demônio)^[27] e *daimonion* (a possessão demoníaca, muitas vezes, na forma de doenças) aparece sessenta e três vezes, das quais cinquenta e três se encontram nos evangelhos. Isso significa que se concentra nos evangelhos uma epidemia demonológica e cujo tratamento sempre é o exorcismo. Em todo o NOVO TESTAMENTO se fala de demônios nos seus mais variados nomes, num total de 511 vezes, o que revela a importância dada ao tema, considerado de relevância fundamental ao desenvolvimento do cristianismo nos primeiros séculos.^[28]

A *interpretatio romana* apresentou a ideia de que o termo *daimon* e a miríade de espíritos a ele associados eram criaturas malignas, demônios que perturbavam a fé e o estilo de vida dos cristãos. Teólogos como Orígenes, Santo Agostinho e outros teceram amplas homilias e tratados teológicos acerca dos demônios e sua natureza. Esse material influenciou profundamente o pensamento cristão medieval e as crenças mágicas daquele período. No entanto, os apologetas cristãos derivaram seus postulados sobre os demônios de filósofos como Porfírio e Jâmblico, pois estes já debatiam o tema sobre a natureza deles há muito tempo. Uma vez que o demônio maligno da interpretação romana deriva de uma fonte mais antiga - o *daimon* da magia greco-egípcia - não existe fonte melhor para nos debruçarmos sobre a natureza dos espíritos malignos que Jâmblico e seu celebrado *DE MYSTERIIS*.^[29]

Em seu *DE MYSTERIIS*, a parte da descrição dos deuses, arcontes, anjos, *daimones*, heróis e almas purificadas, Jâmblico também tece comentários sobre uma classe de espíritos irra-

cionais, descrevendo-os como *uma classe de seres entre todos os outros que nos circundam, desprovidos de juízo, razão ou julgamento, aos quais se atribui um só poder na distribuição de incumbências prescritas para toda entidade em cada parte do universo [...]*.^[30] *Existem certas classes de poderes nos cosmos [que são] limitados, desprovidos de julgamento e altamente irracionais, e que são capazes de receberem e obedecerem ordens racionais de outros, mas não têm entendimento de si mesmos e não sabem distinguir entre o verdadeiro e o falso, o que é possível e o que não é [na vida secular]. É uma classe de espíritos agitados, são assustadores quando abordados, extremamente arredios e vorazes por causa disso. O que me parece é que em sua natureza eles são levados pela aparência e são influenciados por outras coisas através de uma imaginação tola e instável.*^[31]

Nessa passagem Jâmblico fala de uma classe de espíritos irracionais que futuramente seriam conhecidos apenas como *demônios*. Esses espíritos estão muito próximos da natureza humana, sendo influenciados pela mente e imaginação do homem. Na tradição dos grimórios medievais, eles são descritos e classificados hierarquicamente da seguinte maneira:

1. Atribuídos a uma função específica; nos grimórios os demônios costumam ter apenas uma ou duas funções. Um demônio que atenda a uma demanda luxuriosa não pode atender, também alguém com problemas judiciais.
2. São capazes de responder e obedecer às ordens e instruções do mago. Diferente de deuses e anjos, os demônios dos grimórios respondem diretamente ao mago.
3. Desconhecedores do que é falso ou verdadeiro, eles são acusados de mentir ao mago, que deve tomar cuidado. Porque os demônios desconhecem o que é falso ou verdadeiro que os magos podem conjurá-los, clamando ter a autoridade de Deus, de um mago falecido ou diabo pessoal (o espírito tutelar).
4. Assustadores quando abordados, extremamente arredios e vorazes por causa disso, para utilizar a descrição de Jâmblico; assim são apresentados os demônios dos grimórios, quando

[27] Apenas uma ocorrência no LIVRO DE MATEUS (8:31).

[28] Veja Carlos Augusto Vailatti. *MANUAL DE DEMONOLOGIA*. Fonte Editorial, 2011.

[29] O melhor estudo disponível em português sobre a natureza dos *daimones* está em Humberto Maggi. *THESAURUS MAGICUS* (Vol. III). Clube de Autores, 2015. Esta obra inclui textos dos *PAPIROS MÁGICOS GREGOS*, de Jâmblico e de Santo Agostinho, além de outras fontes medievais importantes.

[30] Jâmblico, *DE MYSTERIIS*, IV.1.182.

[31] Jâmblico, *DE MYSTERIIS*, IV.5.246.

conjurados pelos magos, que são aconselhados a tratá-los com punição e a pena de serem lançados as profundezas do inferno. Esse tipo de tratamento também é encontrado nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, quando o feiticeiro ameaça o Sol de interromper o seu curso natural ou ameaça algum espírito de acusá-lo perante um deus.

5. *São levados pela aparência*, o que justifica o uso pelos magos medievais de regalias e aparatos cerimoniais protegidos por nomes divinos como coras, anéis, robes, espadas etc., fazendo crer, aos demônios, que não se tratam de tolos, mas autoridades imbuídas de poder divino.

Jâmblico conclui dizendo que essa classe de espíritos arredios, que na Idade Média tornaram-se os demônios dos grimórios, *são influenciados por outras coisas através de uma imaginação tola e instável*. Diante disso, podemos inferir que desde a Antiguidade o *modus operandi* de tratamento e comunicação com esses espíritos, distintos de outras classes de criaturas espirituais, já havia sido mapeado. Quando falamos de demônios, portanto, a análise de Jâmblico parece ser a mais congruente e coerente na história da demonologia, pois ela explica a teoria por trás das técnicas de evocação encontradas nos grimórios da

Idade Média, bem como a mecânica pela qual eles são conectados a autoridade dos Exus na Quimbanda. Este *modus operandi*, a partir das conclusões de Jâmblico, está presente nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS (muito embora não tratem da convocação de demônios), no Hygomanteia, na CHAVE DE SALOMÃO e em diversos grimórios modernos. É interessante notar que Jâmblico está muito distante das interpretações cristãs acerca do contato com os demônios e o perigo de danação no inferno e a condenação da alma. É a partir da interpretação de Jâmblico que faz sentido o tipo de tratamento com o qual o mago salomônico medieval estabelecia comunicação com os demônios; a uma entidade de imaginação tola e instável é fácil convencê-la que irá ficar cativa dentro de uma garrafa ou urna de contenção.

Embora o *modus operandi* para se convocar os demônios dos grimórios possa ser rastreado até os PAPIROS MÁGICOS GREGOS, não conseguimos fazer o mesmo com os próprios demônios.

Os demônios dos grimórios têm pouco ou quase nada em comum com os *daimones* dos papiros. Mas, alguns dos demônios listados no HYGROMANTEIA aparecem em O TESTAMENTO DE SALOMÃO, datado entre os Sécs. I e II de nossa era. Inferimos que a classe de espíritos que Jâmblico descreve já era mapeada e classificada bem antes de suas conclusões.

Na tradição dos grimórios os demônios eram classificados e registrados. Dois grimórios, muito bem conhecidos por fazerem esse tipo de classificação e organização, são o Livro da MAGIA SAGRADA DE ABRAMELIN, o Mago e o Lemegeton. Na Magia de Abramelin, os quatro Príncipes *maiores* são Lúcifer, Satã, Leviathan, Belial e estes, por sua vez, comandam nove sub-príncipes, dentre os quais estão uma deidade ctônica grega, a deusa Kore, e quatro demônios-reis, Paimon, Oriens, Arifton e Amaimon, regendo 416 espíritos serviçais. O LEMEGETON, por outro lado, é um grimório constituído por cinco livros, cada um contendo a sua própria classificação de demônios em escala hierárquica. Esse tipo de



classificação, dentre muitos motivos - geográficos, sociais etc. -, serve de amparo à técnica de se conjurar um espírito com a autoridade de outro superior a ele, amplamente empregada nos papiros gregos. Em outras palavras, a hierarquização dos espíritos está conectada a fórmula mágica pela qual eles são convocados.

Muito pouco tem sido dito sobre a herança que a Quimbanda traz da tradição dos grimórios medievais. Alguns pontos abaixo auxiliam a elucidar essa questão definitivamente.

1. *Saber o nome do espírito confere ao mago poder sobre ele*: essa gnose é tão antiga quanto à própria história da magia. Conhecer o nome de um espírito confere ao mago a capacidade de convocá-lo e direcioná-lo a cumprir o que o mago solicita. Na tradição de Quimbanda, o adepto deve conhecer bem o nome dos Exus e Pombagiras, suas cantigas (pontos cantados), suas assinaturas espirituais (pontos riscados) e suas zonas de atuação. Através deste conhecimento é possível convocar Exus ou Pombagiras nos seus respectivos pontos de força. Além disso, o nome do Diabo Pessoal conectado ao Exu tutelar do *kimbanda* é um segredo conhecido somente por ele, para que nenhum outro *kimbanda* possa conjurá-lo.
2. *A intervenção do espírito tutelar*: uma técnica de convocação comum encontrada na magia greco-egípcia dos papiros, na teurgia neoplatônica, no HYGROMANTEIA e no TESTAMENTO DE SALOMÃO é conjuração de uma criatura espiritual menor em nome de uma superior. Na feitiçaria dos papiros *daimones*, diversos eram convocados em nome do *paredros*, o *daimon assistente*; na teurgia neoplatônica, *daimones* eram conjurados em nome do *daimon* pessoal; na magia de Abramelin, demônios eram controlados pela intervenção do *Sagrado Anjo Guardião*; na tradição salomônica, demônios eram convocados através do *Diabo Pessoal*. A ideia é ter autoridade sobre criaturas menores através do poder do espírito tutelar ou outra força superior; nos papiros *daimones* também eram conjurados em nome da autoridade de deuses; na tradição dos grimórios demônios eram convocados em nome dos arcanjos e da autoridade de Deus, conferida ao mago. Na tradição de Quimbanda,

essa técnica está presente na relação que o adepto estabelece com seu Exu tutelar que, via de regra, tem espíritos menores, *égúns* diversos, trabalhando como servidores. Na Quimbanda Exu abre linha! Isso significa que qualquer criatura da Natureza pode ser conjurada em nome e pelo poder do Exu tutelar.

3. *Invocação hierarquizada*: o HYGROMANTEIA baseia toda sua técnica de invocação na hierarquia dos espíritos, estabelecendo uma ordenação dos espíritos superiores aos espíritos inferiores. Nesse caminho, forças planetárias, arcanjos e anjos são invocados antes da convocação do espírito menor. Nos rituais de Quimbanda, conhecidos como *giras*, pontos cantados diversos ao Chefe Império Maioral, Reis, Rainhas e demais Chefes de Falange, são cantados pelos quimbandas, antes do ponto do Exu que se quer trabalhar. A ideia é saudar primeiro o Chefe Império Maioral de Quimbanda, demais Exus da casa/templo até a convocação do Exu de trabalho do ritual.
4. *Símbolos, assinaturas e selos*: símbolos têm sido usados para se comunicar com os espíritos desde a idade mais remota da magia. Na teurgia neoplatônica, símbolos (*sunthēmata*) são portais noéticos de comunicação com os deuses; na tradição dos grimórios estes símbolos são apresentados na forma de diagramas geométricos (pantáculos) e assinaturas (sigilos). Esse tipo de comunicação com os espíritos, através de símbolos, também está presente na Quimbanda, por meio da ciência dos pontos riscados.

Um tomo completo poderia ser escrito comparando as técnicas utilizadas na Quimbanda para comunicação com espíritos e que são encontradas em tradições diversas desde a Antiguidade e antes. O fenômeno da incorporação, por exemplo, está presente nos cultos de mistérios da tradição greco-egípcia da magia, mas esteve ausente da tradição dos grimórios. A técnica da incorporação, portanto, veio até a Quimbanda diretamente através da cultura banto. O *Corte*, ou sacrifício propiciatório as deidades da Quimbanda, bem como oferendas diversas a elas, também estão presentes nas tradições antigas como a teurgia e feitiçaria dos papiros, mas também estiveram

ausentes da tradição dos grimórios salomônicos. Como as culturas africanas preservaram, desenvolveram e refinaram estas técnicas, é delas que a Quimbanda recebe essa influência.

Voltando a questão da hierarquia dos espíritos: quando pensamos na organização hierárquica dos demônios, em suas diversas classificações medievais, Reis, Príncipes, Condes, Duques etc., devemos considerar que eles têm uma regência ilusória quando contrastada a regência de criaturas espirituais mais elevadas, segundo as concepções dos demonólogos medievais. Dessa forma, os demônios regem apenas o reino da geração ou os níveis subterrâneos do inferno, distintos dos seres celestiais que regem o reino dos céus. É por isso, que os demônios recebem os títulos da nobreza terrena, não os títulos da nobreza divina. Embora autores como Stephen Skinner tivessem se esforçado para comparar esses títulos de nobreza terrena a forças planetárias, em verdade eles não representam ou descrevem qualquer poder além daquele da atuação dos espíritos em espaços delimitados. Os títulos hierárquicos dos demônios descrevem e espelham uma ação social, no entanto de organização espiritual, dentro de seus respectivos domínios. Isso significa que tais títulos servem mais para delimitar a área de ação dos espíritos do que descrever qualquer de suas virtudes ou poderes. Isso está em plena harmonia com a hierarquia dos Exus e Pombagiras na Quimbanda. A hierarquia dos Exus e Pombagiras não reflete a capacidade de atuação ou os poderes deles, muito menos determina graus de importância ou subserviência. Ao contrário disso, estabelece limites para sua atuação nos Reinos de Quimbanda e entre seus respectivos Povos ou Falanges. Então, onde se encerra um campo de atuação de determinado Exu, imediatamente se inicia o campo de atuação de outro Exu. Assim, Exus e Pombagiras Reis e Rainhas têm um campo de atuação maior do que Exus e Pombagiras Chefes de Falange. Isso pode ser visto nas classificações dos quatro demônios reis nos grimórios, em que eles aparecem, tendo uma área de atuação muito maior do que os demônios os quais eles regem. Em diversos grimórios, por exemplo, o Rei dos espíritos aéreos tem autoridade sobre todos os espíritos aéreos e tal autoridade não transgredir os limites de outros reinos elemen-



tais. Quando falamos de Reis, no contexto dos demônios medievais, estamos lidando com forças estritamente elementais,^[32] telúricas, conectadas ao reino da geração. Os ministros abaixo dos Reis transmitem sua regência a todos os espíritos menores e abaixo na ordem hierárquica.

A tradição dos grimórios também apresenta espíritos infernais distribuídos em ordem hierárquica, com Príncipes como Lúcifer, Belial, Satã ou Asmodeus, regendo uma legião de demônios menores. Em alguns grimórios, os quatro demônios reis são listados abaixo da regência destes príncipes maiores do inferno ou conectados a eles, mas, na maioria das vezes, eles são tratados separadamente, com variações distintas, hora também listados e conectados a forças planetárias e arcanjos no reino dos céus. Isso é interessante de se notar, pois, demonstra que os quatro demônios reis não estão na região do inferno (subterrânea) ou na região celestial, mas entre eles, na re-

[32] Em um sentido mais técnico, que trataremos em outra oportunidade, é mais correto ou coerente dizer que os demônios reis estão ou são melhores associados às direções do espaço do que aos reinos elementais. Para fins de melhor compreensão e associação com a Quimbanda, didaticamente a forma como aqui o tema é apresentado servirá.

gião elemental.^[33] O que inferimos de toda essa classificação hierárquica é que ela diz mais sobre as zonas de poder ou pontos de força de atuação dos espíritos do que descreve suas virtudes ou poderes. No caso dos quatro demônios reis, eles são Reis porque regem sobre todas as operações dos reinos elementais. Isso é consistente com a posição dos Reis e Rainhas, que regem os Sete Reinos de Quimbanda: sua autoridade se estende a todos os Povos, através dos Chefes de Falange que os regem. Então, o que podemos observar é que a ideia de hierarquia espiritual contida nos grimórios, fundamentalmente aquela associada aos demônios, foi 100% aproveitada na Quimbanda, na distribuição dos Exus e Pombagiras nos Povos, em seus respectivos Reinos.

TEXTO . V .

MALEFICIUM, OS MORTOS E SUAS ASSOCIAÇÕES COM OS DEMÔNIOS

Para concluirmos esse ensaio vamos nos debruçar sobre a *associação entre espíritos dos mortos e os demônios*. Para isso, precisamos voltar no tempo, em um período da Antiguidade tardia, em meados do Séc. III d.C., quando o Império Romano instaurou, pela primeira vez, suas doze leis cravadas em doze placas de bronze e expostas no fórum de Roma para que toda a população estivesse ciente das normas vigentes. Uma dessas placas trazia a seguinte inscrição, em tradução livre: *Nenhuma pessoa deve comparecer a encontros noturnos na cidade ou nos arredores da cidade.*^[34]

Em Roma, no período da Antiguidade tardia, a palavra *maleficium* referia-se ao uso generalizado de artifícios e práticas mágico-rituais para fins escusos e ilícitos, cujos objetivos eram secretamente beneficiar àqueles que os praticavam ou àqueles que os encomendavam. Naquele período do estado romano pré-cristão, onde Santo Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) escrevia ativamente contra o exercício religioso de práticas pagãs, qualquer ato de magia, fosse ele goécia, teurgia ou o culto público de deuses e deusas, era classificado

pelos cristãos, como o emprego de ou a conexão com espíritos aéreos sinistros, ou seja, demônios. Santo Agostinho se referiu aos praticantes de artes ilícitas – feiticeiros –, envolvidos com a prática da goécia grega, como *maleficos*.^[35] Para os pagãos romanos, o *maleficium* era, no mínimo, uma prática sombria executada na calada da noite e, portanto, criminosa devido às sanções romanas vigentes. Para os cristãos, o *maleficium* era uma prática não só criminosa, mas moralmente vil e perversa. Neste período, tanto para cristãos quanto para pagãos, a palavra *maleficium* era sinônimo de todo tipo de artes mágicas: encantamentos, conjurações, feitiços, placas de maldição, feitiço de poções, pós e principalmente, a convocação de mortos, enfim, necromancia.

A necromancia no Mundo Antigo era sinônima de trazer os mortos de volta a vida, com o propósito de preverem o futuro,^[36] mas o termo também era usado para indicar práticas como envultar tábuas de maldição em corpos ou dentro de sepulturas, cujo objetivo era compelir os mortos a executarem feitiços diversos; necromancia também era a prática de utilizar partes do corpo de um defunto para inúmeras finalidades.^[37]

[35] Ibidem.

[36] No Mundo Antigo e culturas arcaicas a morte era um reino de poluição, alteridade e não-ser. A morte era considerada uma potente transmissora de conhecimento de futuro porque se encontrava perpetuamente no limiar entre o tempo e o espaço. A magia de modo geral era percebida dentro desse limiar, no entanto, ter conexões com esse reino limiar era perigoso porque poderia trazer dele sua poluição residual na forma de doenças, assombros e eventos não auspiciosos para vida cotidiana ou para o estado, como a morte de uma importante personalidade pública: um rei, um imperador ou chefe de província.

[37] As leis romanas contra necromancia eram tão rígidas que uma esposa poderia se divorciar de seu marido se este fosse um *malefici* (necromante) profissional ou violador de tumbas. Veja Martha Rampton. *TRAFFICKING WITH DEMONS: MAGIC, RITUAL, AND GENDER FROM LATE ANTIQUITY TO 1000*. Cornell University Press, 2021. No Mundo Antigo as artes mágicas eram toleradas de modo geral, mas a necromancia sempre foi uma prática desonradamente condenável, ilícita e criminosa, seja na Grécia do período clássico ou na Roma da Antiguidade tardia. Em Roma a necromancia somente era tolerável se por meio dela a ordem social fosse de algum modo restaurada. Martha Rampton cita a novela escrita por Apuleio de Madura (125-170 d.C.), *METAMORPHOSES* (também conhecida como *O ASNO DE OURO*), onde o corpo de um homem chamado Telephron é reanimado por um profeta egípcio chamado Zatchlas para confirmar se sua esposa teria ou não o envenenado. O ritual para reanimar o cadáver foi simples, executado por um ritualista profissional com ervas e preces, sem sacrifícios ou oferendas e, fundamentalmente, público, não se tratando de *maleficium*. A autora compara este caso da novela de Apuleio com outro caso retratado no poema *FARSÁLIA* (também conhecido como *GUERRA CIVIL*) escrito pelo poeta Marco Aneu Lucano (35-65 d.C.), forçado ao suicídio pelo Imperador Nero (37-68 d.C.) que invejava seus talentos. O poema retrata

[33] Mais precisamente as direções do espaço.

[34] Citado em Martha Rampton. *TRAFFICKING WITH DEMONS: MAGIC, RITUAL, AND GENDER FROM LATE ANTIQUITY TO 1000*. Cornell University Press, 2021.

Para os cristãos, tudo isso envolvia o tráfico com demônios. Para as autoridades romanas, diferente dos cristãos, os cultos e rituais públicos eram autorizados e incentivados, porque eles ofereciam a oportunidade de reforçar, publicamente, as crenças comuns dos pagãos e o senso de identidade romana, bem como estavam sob o controle das autoridades religiosas e políticas. O *maleficium*, por outro lado, era praticado em encontros secretos noturnos e, dessa maneira, fora do controle político e religioso. O *maleficium* perturbava a ordem porque objetivava controlar o curso dos eventos – naturais, públicos e políticos – para vantagens individuais.^[38] Era dessa ma-

o caso de uma necromante chamada Erictho, que diferente do trabalho relutante e gentil de Zatchlas para com os mortos, tinha uma abordagem lasciva, mergulhada em um método medonho com complicadas fórmulas mágicas, o uso de poções e sangue provindo de sacrifício. Ao ler ambos os textos fica claro o modo de pensar pagão acerca da necromancia. Enquanto um sacerdote utilizava preces e ervas em honra aos deuses para despertar um morto de forma pública, a feiticeira lançava-se sobre o cadáver visceralmente ao ponto de proferir encantamentos com seus lábios tocando a boca do defunto secretamente. A necromancia era um tabu na Grécia e Roma na Antiguidade clássica e tardia, mas era muito pior se ela fosse executada por uma mulher. Martha Rampton Conclui: *O conto de Erictho captura, de fato com prazer, o horror que os pagãos tinham da necromancia, especialmente se uma mulher que a praticasse. A feitiçaria feminina era feita por meio de horríveis rituais noturnos e ctônicos executados nas sombras. [...] Erictho resumia a repulsão que os pagãos tinham não só sobre a magia, mas da própria mortalidade.*

[38] *Malefici* e *maleficae* eram praticantes de magia que ninguém duvidava de seus poderes em Roma naquele período e por isso eles eram alvo do opróbrio popular. O *maleficium* para fins justificáveis era considerado neutro, mas socialmente suspeito, ofensivo e aparentemente enganador. Quando ele prejudicava as pessoas seus praticantes eram perseguidos e punidos publicamente. O Imperador Constantino (272-337 d.C.) ordenou a decapitação àqueles que praticavam magia para fins indignos e maliciosos. Se o executor das artes mágicas fosse uma mulher, esta quase sempre era punida com morte. A magia feminina era completamente clandestina, porque envolvida a execução de rituais noturnos em florestas isoladas ou cavernas, o trato com deusas sombrias como Hécate e espíritos ctônicos. Durante o Séc. II d.C. o bacanais tornaram-se encontros noturnos e secretos com participação apenas de mulheres. Com o tempo homens foram permitidos participar e os cronistas da época descrevem encontros orgiásticos. Os bacanais eram condenados por serem cerimonialmente dirigidos por mulheres e por ocorrerem em locais secretos e sempre à noite. Seus participantes eram acusados de conspiração contra o Império. Anteriormente nós vimos que a magia de modo geral era atribuída aos domínios do reino liminar e este, por sua vez, era considerado um reino conectado a natureza feminina, pelo fato das mulheres serem capazes de produzir vida e de estarem no limiar entre o ser e o não-ser. Na cultura greco-romana a deusa Hécate, associada a fantasmas, sombras e espíritos malignos noturnos, era a personificação desse reino limiar. Muito embora existam inúmeras referências masculinas conectadas a prática da necromancia, como o profeta Zatchlas citado anteriormente, eram as mulheres de modo geral que mais eram associadas a ao tráfico com os mortos. Apuleio em seu *O Asno de Ouro* fez inúmeras referências comparando a mulher, seu útero, as covas dos mortos. No conto, após ser revivido por Zatchlas, Telephron além de incriminar sua esposa por seu enve-

neira que as autoridades políticas do Império Romano consideravam, perseguiam, condenavam e puniam a magia e seus praticantes. Para os políticos da época, o que distinguia a magia da religião era, justamente, seu caráter secreto e oculto. Estamos falando de um período de intenso tumulto e instabilidade política, onde senadores e imperadores tinham medo e aversão as artes mágicas de cunho secreto e noturno. Nessa época, até mesmo orações murmuradas eram condenadas e seus praticantes punidos com rigor. Os atos religiosos deveriam, todos eles, serem públicos, lícitos aos olhos do Império.

Os próprios pagãos condenavam os cristãos por encontros secretos noturnos e pelo segredo de irmandade que mantinham.^[39] E muito embora cristãos e pagãos compartilhassem a mesma opinião sobre a natureza vil do *maleficium* e cuja fonte de poder provinha de demônios aéreos,^[40] os cristãos eram considerados também necromantes, pelo fato de lidarem com a morte de maneira distinta aquela tradicional greco-romana. O medo dos pagãos pela morte e o pavor que eles tinham dos mortos contrastavam com as atitudes dos cristãos, que pareciam ter um apreço profundo pela morte e sua relação com os mortos. Os cristãos frequentavam crematórios, celebravam a morte de seus mártires e até compartilhavam partes de seus corpos mortos. Os cristãos faziam circular histórias heroicas sobre Jesus, que tinha o poder de ressuscitar os mortos. Aos olhos dos pagãos, a tolerância dos cristãos em relação à morte e aos mortos era muito similar à história necromântica de Erictho citada na nota acima.^[41] O ritual eucarísti-

nenamento também revela que na noite anterior foi despertado por um grupo de *sagae*, que dizer, feiticeiras noturnas que se lançavam sobre as covas e tumbas em contato direto com os corpos dos defuntos.

[39] Aqui encontramos os elementos-gênese da grande caçada as bruxas na Idade Média.

[40] No caso dos pagãos, *daimones* aéreos e malignos da região sub-lunar.

[41] Para os cristãos havia uma diferença enorme entre a história necromântica de Erictho e os feitos de Jesus ressuscitando os mortos, como no caso de Lázaro (EVANGELHO DE JOÃO 11:17-44). Os feitos de Jesus eram impelidos pela caridade e pelo amor universal; já os feitos de Erictho em reviver o soldado morto eram para fins de mancia. Enquanto Jesus utilizava apenas o poder do verbo, a feiticeira Erictho utilizava procedimentos mágicos considerados sórdidos e criminosos segundo as leis vigentes da época. Além disso, Erictho trouxe a alma do morto em vida contra a sua vontade, não em seu benefício como fez Jesus com Lázaro, mas para o benefício de clientes que pagaram por seus serviços. Erictho era uma feiticeira necromante que operava secretamente



co dos cristãos envolvia a comunhão do corpo e do sangue de Jesus morto. Isso era preocupante, porque não envolvia apenas uma pessoa, mas um grupo de pessoas que crescia a cada dia dentro de uma cerimônia ritualística. Os políticos e religiosos pagãos da época tinham a plena consciência que a execução de um ritual público tem a função de reforçar ideias e costumes culturais e modelar uma visão de mundo e a visão de mundo reforçada pelas cerimônias cristãs se chocava com a visão de mundo pagã da época. Por conta dis-

nas sombras; Jesus reviveu Lázaro na frente de uma multidão na luz do dia. Os procedimentos mágísticos utilizados por Erictho causaram mais dor e pânico na alma do soldado morto, que teve de retornar ao Hades após servi-la; já o procedimento de Jesus com Lázaro lhe trouxe a vida de volta. Jesus foi movido pela compaixão e pelo altruísmo, a feiticeira Erictho foi movida por puro egoísmo. Os métodos de Jesus lembram mais os feitos do hierofante egípcio Zatchlas da novela de Apuleio. Mas existe ainda uma diferença entre os atos de Jesus e os atos de ressurreição de Zatchlas, que despertou a alma do marido morto para resolver um mistério. Aos olhos dos cristãos os feitos de Zatchlas possuíam a intervenção de demônios. Jesus, por outro lado, promoveu um milagre em nome do Senhor Deus Todo Poderoso. Jesus não esperava nada em retribuição. Para os cristãos Zatchlas praticou magia, que sempre está associada à presença e a intervenção de demônios; Jesus por outro lado realizou um milagre. Mas para os magos e feiticeiros da Antiguidade, bem como pagãos de modo geral, havia pouca diferença ou quase nenhuma entre magia e milagre, a taumaturgia, como os feitos de grandes teurgos como Jâmblico.

so, começaram a aparecer inúmeras crônicas contra os cristãos e seus rituais. Essas crônicas eram recheadas de mentiras, envolvendo a morte de crianças recém-nascidas, orgias secretas e a veneração de criaturas malignas. Todas essas acusações, posteriormente, foram reutilizadas pelos cristãos contra os pagãos, fomentando a ideia do pacto com o Diabo e o *sabbath* das bruxas na Idade Média.

A história de Jesus contrastava com a visão de mundo pagã, porque ele redefiniu a morte, o que levou os cristãos a reinterpretarem o limiar da vida e a relação com os mortos. Enquanto os pagãos cremavam seus mortos, evitando o contato com eles, os cristãos reforçavam a conexão com eles através das relíquias sagradas (partes dos corpos dos mártires preservadas). Ao invés de condenar a morte para fora dos muros das cidades,^[42] o que começou a acontecer na Antiguidade clássica devido à formação da polis, ou seja, as grandes cidades, os cristãos do Séc. II d.C. mantinham seus mortos próximos em cemitérios, locais considerados sagrados.^[43] A ideia de que os mortos poderiam viver novamente era (e ainda é) central no cristianismo.^[44] Jesus foi ressuscitado e o mesmo destino é garantido a toda humanidade que viva em seu reino. A habilidade de ressuscitar os mortos é um sinal de santidade no cristianismo. No EVANGELHO DE MATEUS (10:8) Jesus investe seus discípulos com seus poderes, inclusive a capacidade de ressuscitar os mortos. A maioria das biografias dos santos, daquele período, concentrava esforços em

[42] Veja Sarah Iles Johnston, *RESTLESS DEAD: ENCOUNTERS BETWEEN THE LIVING AND THE DEAD IN ANCIENT GREECE*.

[43] O cemitério como *campo santo* na Quimbanda é uma herança da cultura cristã antiga, que veio a se perder com a modernidade.

[44] É interessante notar que os pagãos também acreditavam em casos de ressurreição que se aproximavam da história de Jesus com Lázaro. Flávio Filóstrato (170-247 d.C.), um sofista escritor que viveu na época dos Imperadores de Roma, escreveu uma obra sobre *A VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA* (15-100 d.C.), um mago pitagórico conhecido por seu profundo conhecimento do oculto acumulado de suas viagens ao Egito, Grécia e Índia. Apolônio é apresentado como um mago com poderes de prever o futuro, curar os doentes e ressuscitar os mortos. Sua biografia era desagradável aos costumes romanos da época porque ele foi considerado um necromante que convocou e conversou com a alma de Aquiles, o herói grego que participou da Guerra de Tróia. A Apolônio também é atribuída a ressurreição de uma jovem que acabara de morrer, revivida pelo toque de suas mãos e encantamentos proferidos, de maneira muito similar a ressurreição da filha de Jairo por Jesus (EVANGELHO DE MARCOS, 5:35-41). Nenhuma das duas ressurreições, a de Apolônio ou a de Jesus, exigiram ritos intrincados de magia como àquele executado pela feiticeira Erictho ou pelo hierofante Zatchlas.

demonstrar que emulavam os mesmos milagres que Jesus fazia, inclusive a ressurreição dos mortos.

Por causa de seus feitos, Jesus era muitas vezes comparado aos magos de seu tempo e homens santos do Mundo Antigo, como Apolônio de Tiana e Asclépio, o curador místico elevado ao patamar de divindade, reputado como ressuscitador de almas que morreram por enfermidades.^[45] A fama de personalidades miraculosas que reviviam os mortos, atormentava os cristãos da época, porque a capacidade de produzir milagres, como àqueles que Jesus praticava, era um componente fundamental da fé cristã que outorgava autoridade espiritual genuína e, personalidades pagãs que gozavam de reputação miraculosa, chocavam-se diretamente contra a nova fé que emergia e tinha, em seus milagreiros, concentrada a *propaganda* religiosa perfeita de conversão. Justino Mártir, Tertuliano, Orígenes, Atanásio de Alexandria etc. foram teólogos prolíficos das primeiras fases do cristianismo que protestavam contra as acusações de judeus e pagãos de que Jesus era um mago necromante. Seus protestos eram acompanhados de extensas explicações teológicas como, por exemplo, de que o ANTIGO TESTAMENTO já havia antecipado os milagres que Jesus praticou. Para os cristãos, magos do calibre de Apolônio de Tiana, eram assistidos por forças demoníacas poderosas, enquanto que Jesus apenas era imbuído por autoridade divina, conferida por Deus.

Pelo fato da necromancia ser uma arte considerada conectada a ação de demônios, os cristãos se empenhavam em se inocular das acusações de que eles eram necromantes, enfatizando que suas crenças e suas práticas

[45] Nessa seção estamos tratando da reputação de Jesus como necromante em detrimento da natureza do assunto que abordamos. Mas Jesus é considerado como o maior exorcista da história. Assim como seus feitos de reviver os mortos, seus exorcismos também são considerados milagres. É interessante notar que Jesus viveu em uma época em que doenças de todos os tipos eram consideradas criaturas malignas, demônios que assolavam a vida das pessoas. Muitas vezes, e na maioria delas, seus exorcismos eram atos de cura. No mundo antigo o exorcismo era uma prática comum para aliviar a dor e restaurar a saúde de muitas formas e por conta disso, àqueles que eram capazes de exorcizar demônios gozavam de ampla reputação. Jesus considerava que demônios estavam sujeitos a Satã e seus exorcismos eram também um julgamento contra a força e atuação de Satã na vida das pessoas. Para uma introdução concisa sobre o tema em português veja Carlos Augusto Vailatti. *MANUAL DE DEMONOLOGIA*. Fonte Editorial, 2011. Veja também dois volumes de Robert Conner. *JESUS THE SORCERER: EXORCIST & PROPHET OF THE APOCALYPSE*. Mandrake of Oxford, 2006. *MAGIC IN CHRISTIANITY: FROM JESUS TO THE Gnostics*. Mandrake of Oxford, 2014.

eram muito distintas daquelas praticadas pelos magos da época. Teólogos, como Orígenes, se esforçaram em defender Jesus e os cristãos contra as acusações de *maleficium*.^[46] Desde o Séc. I d.C., os apologetas cristãos enfatizavam que o poder de seus homens santos não estava associado a ação de demônios aéreos (sub-lunares), nem muito menos agiam por meio de elaborados rituais, como os dos magos, mas diferente disso, seu poder vinha da fé e de Deus apenas. Orígenes diz: *Magia e feitiçaria ocorrem por meio de demônios que são encantados através de elaborados rituais [...]. Nós devemos distinguir, portanto, entre esses que servem aos demônios e que causam efeitos na natureza através de feitiços e encantamentos, e àqueles que com pureza se ajoelham no solo sagrado perante Deus [...], tendo estes recebido o divino espírito para realizar maravilhas em favor da humanidade*.^[47] Orígenes coloca ênfase na conexão entre elaborados rituais e a ação dos demônios, significando que a diferença entre milagre de fato e necromancia está na ação dos demônios através de elaborados rituais. Portanto, desde esse período na Antiguidade, existiu a associação entre demônios e a convocação dos mortos, justamente o que fazemos hoje na Quimbanda.^[48]

[46] Veja Orígenes. *CONTRA CELSO*. Coleção Patrística. Editora Paulus, 2017. Veja também Irineu de Lião. *CONTRA AS HERESIAS*. Coleção Patrística. Editora Paulus, 2016.

[47] Orígenes. *CONTRA CELSO*. Coleção Patrística. Editora Paulus, 2017.

[48] Questões que envolvem necromancia no ANTIGO e NOVO TESTAMENTO geravam inúmeras controvérsias teológicas inclusive entre os cristãos. O caso mais dramático e mórbido envolve uma mulher em uma questão muito similar àquela da feiticeira Erictho (veja notas anteriores). No DEUTERONÔMIO (18:9-14), Deus instrui a Moisés não ter com prognosticadores, encantadores, agoureiros, feitiçeiros, encantadores, adivinhos ou magos que consultem os mortos. Mas por outro lado o Rei Saul em 1 SAMUEL (28:3) consulta uma feiticeira conhecida como a *Bruxa de Endor* (também conhecida como *Pitonisa de Endor*) que proficientemente convoca o profeta Samuel. O relato bíblico é muito semelhante à história da feiticeira Erictho. O que Rei Saul desejava saber era seu futuro em batalha, o que o profeta Samuel (28:16-19) acertadamente faz, revelando a sua queda. Os apologetas cristãos dos primeiros séculos como Orígenes, Justino Mártir, Gregório de Níssa e Santo Agostinho teceram amplos comentários sobre essa passagem, mais sem nenhum consenso afinal, não por conta das amplas teorias que criaram em torno da magia e necromancia, lícita ou ilícita, mas no fato de que não era possível saber se um homem poderia convocar os mortos para prever o futuro, e a resposta a essa questão não foi outra nos escritos de Tertuliano e Santo Agostinho: trata-se de uma ilusão criada por demônios as previsões necromanticas futuras, contrastando com as formulações de Orígenes e Justino Mártir, que alegaram sim a aparição do profeta Samuel. Esse argumento da ilusão produzida por demônios nos ritos necromanticos por si só limita a questão e amplitude do debate teológico, e também levanta dúvidas profundas pelo fato do profeta Samuel ter acertado o futuro do Rei



Por volta do Séc. IV d.C. já estava cristalizada a noção cristã sobre a prática da necromancia: tratava-se de um exercício incontavelmente demoníaco, porque era o Diabo e sua horda de demônios que criava a ilusão de que os mortos poderiam sair de suas tumbas para prever o futuro. Homens ou demônios não podiam negar ou oporem-se ao poder de Deus sobre a vida e sobre a morte, sem a sua presença ou consentimento. Na Idade Média, apenas a revivificação dos mortos feitas pelos santos eram consideradas válidas; tratava-se de milagres realizados por homens de Deus e que emulavam os feitos de Jesus. A tradição hagiográfica tem muitos relatos de santos praticando revivificações de mortos.

O maleficium, que emergiu na Roma pagã

Saul. Diante dessa previsão acertada, estava em cheque não só a validade dos argumentos de Santo Agostinho, Tertuliano e os cristãos que os seguiram, mas a própria questão da vida no pós-morte e se a alma era de fato imortal. Seja como for, os teólogos cristãos dos primeiros séculos não chegaram a um consenso sobre a eficácia dos rituais necromânticos para previsão do futuro, mas eles estavam em acordo pelo menos com os pagãos romanos da época: existia a atuação de espíritos malignos no revivamento de mortos para propósitos nefastos, quer dizer, *maleficium*. Cristãos e pagãos concordavam que reanimar os mortos através de ritos macabros, secretos e noturnos envolvia o tráfico com demônios. E romper o limiar da morte através de rituais noturnos pela ação dos demônios era uma atitude vil e criminosa para pagãos e cristãos da época. Mas a ressurreição heroica, como àquela feita por Jesus que ressuscitou Lázaro ou àquela mencionada na *ODISSEIA* de Homero, que conta como Odisseu adentrou ao Hades para falar com o profeta Tirésias, eram celebradas e aprovadas como meritórias. A questão é muito extensa para tratarmos nessa seção e deixaremos o tema em aberto para abordarmos futuramente.

pré-cristã, permaneceu o mesmo dentro do mundo cristão. Enquanto os cristãos reformularam ou proscreveram a divinação, a magia e a teurgia, reivindicando que essas práticas mágicas ou religiosas do passado pagão eram aparatosas, fraudulentas e pecaminosas diante da majestade de Deus, o mesmo não ocorreu com o *maleficium*, que nunca foi sancionado, autorizado ou mesmo respeitado entre os pagãos, que também o condenavam como uma prática vil, maliciosa, e que necessitava da intervenção de espíritos malignos, demônios aéreos da região sublunar, para ter sua eficácia. Os cristãos tentaram negar sua eficiência, mas eles não tinham dúvidas que a população, secretamente, praticava o *maleficium* e, por isso, desenvolveram escritos que depreciavam a natureza da magia e da feitiçaria de modo geral, como o mito de São Cipriano.^[49] Para pagãos e cristãos o *maleficium* era um exercício criminoso de magia, não apenas por sua natureza secreta, noturna e obscura, mas pelo fato de necessitar da ação de demônios.

Em que esse histórico clareia a inserção da demonologia e do diabolismo medievais na Quimbanda no *segundo momento* do Culto de Exu no Brasil? O fato de, desde a Antiguidade tardia, a convocação dos mortos esteve associada à ação de espíritos malignos, demônios da região sub-lunar.^[50] Fontenelle não criou essa associação; ele não inventou um sistema que convergia os demônios do GRIMORIUM VERUM a atuarem juntos aos Exus da Quimbanda. Os espíritos dos mortos e os demônios dentro de um contexto magístico, sempre estiveram associados, desde a Roma pré-cristã até o advento do mundo cristão após o Séc. IV d.C. O que Fontenelle fez foi resgatar essa conexão, dentro de um contexto de feitiçaria brasileira, profundamente influenciada pela demonologia europeia e tradição ibérica de magia popular.

Táta Nganga Kamuxinzela

Mestre de Quimbanda Nãgô e Quimbanda Mussurumin

Cova de Cipriano Feiticeiro

Instagram.com/tatakamuxinzela

[49] Veja *Revista Nganga* No. 4.

[50] Para uma introdução concisa sobre esse tema no mundo grego veja dois volumes de Humberto Maggi. *THESAURUS MAGICUS* (Vol. III). Clube de Autores, 2015. *GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA*. Clube de Autores, 2020.

CONSULTA E ATENDIMENTO ESPIRITUAL

O *Kimbanda* acima de tudo é um curandeiro! Ele cura as mazelas da alma, da vida material, da mente, dos sentimentos e dos demais campos de nossa existência. O *Kimbanda* sabe que o equilíbrio do *Moyo* é essencial para a manutenção de uma vida saudável em todos os aspectos.

Uma vida saudável também impõe estar bem em todas as áreas, como saúde física, questão material/financeira e gozar de momentos de lazer e diversão. Dessa maneira, ter noites tranquilas de sono reparador e, algo esquecido atualmente, em equilíbrio espiritual.

Teimamos em entender a espiritualidade como um campo separado de nossas vidas, sempre relegando a saúde espiritual a um movimento secundário - quando não relegado ao esquecimento.

Essa é apenas mais uma manifestação da ilusão positivista imposta em nossos meios culturais! Com ela, tendemos aceitar que existe apenas o palpável, preterindo toda a questão espiritual e energética, classificando como uma superstição ou atraso intelectual dos "crentes".

A espiritualidade é um grande contêiner, onde teremos todas as demais áreas de nossa vida inseridas. Então, se o contêiner apresentar defeitos, possivelmente, outras áreas como saúde física, saúde mental, saúde emocional, prosperidade, relações familiares

e amorosas e toda sorte de situações também estarão afetadas.

A função do *Kimbanda* é encontrar o que está acometendo a integridade da estrutura espiritual e, por meio de diversas técnicas e ferramentas, restaurar a situação antes debilitada. Para isso, podemos usar diversos meios, como a consulta espiritual com guia, consulta oracular, banhos, defumações, feitiços, oferendas, *Sakulupemba* e muito mais.

Na *Quimbanda Nàgô* o movimento começa sempre com uma consulta oracular. Por meio desta consulta saberemos como está a saúde espiritual e todos os demais campos da vida de uma pessoa. Muitas delas, quando procuram auxílio, têm problemas de desconexão com o espiritual, com a ancestralidade. Outras tantas estão em dívidas com entidades - às vezes contraídas inconscientemente ou na emoção, outras vezes contraídas por terceiros - e, por fim, são vítimas de demanda.

Pessoas magiadas ou sob efeito de feitiços (demandas) existem aos montes. A maioria nem sabe que está sob efeito de uma demanda, até começar a notar um padrão de perdas em sua vida. Tem um bom trabalho, um bom rendimento e nunca sobra dinheiro. Faz exercícios, come adequadamente, mas sua saúde está sempre comprometida. Tenta conectar-se com relacionamentos amorosos e acaba sempre subjugado, traído, esquecido e (muitos)



vivem em isolamento. Existem diversas possibilidades para uma demanda funcionar e ela pode atacar em diversos pontos de nossa vida.

A obsessão espiritual pode ser uma obsessão “por encomenda” onde o espírito é ativado por um feiticeiro para perturbar alguém.

Tudo isso pode ser visto no oráculo. Em nossa família, o oráculo é chamado de Cabala de Exu e parte da premissa de uma conversa do Exu Tutelar do *Kimbanda* diretamente com o consulente.

Neste oráculo sairá não só os impedimentos, mas se há campo de atuação para desfazimento das magias, feitiços e demandas. Se há como afastar um espírito obsessivo e o que se deve fazer para ser efetivo nesse quesito. Verifica-se, também, se o feitiço que o cliente deseja fazer realmente será eficaz e/ou se terá eficiência. Além disso, podemos verificar as pendências espirituais e saber o que fazer para apaziguá-las, por meio de oferendas, limpezas e rogativas.

Os trabalhos são feitos de forma individual, diferente de uma gira de Umbanda, onde várias pessoas diferentes, com demandas diferentes, com necessidades diferentes e padrões de pensamentos diversos, estão em um só lugar. Isso gera um desprendimento maior de energia (moyo) que, nem sempre, é adequado.

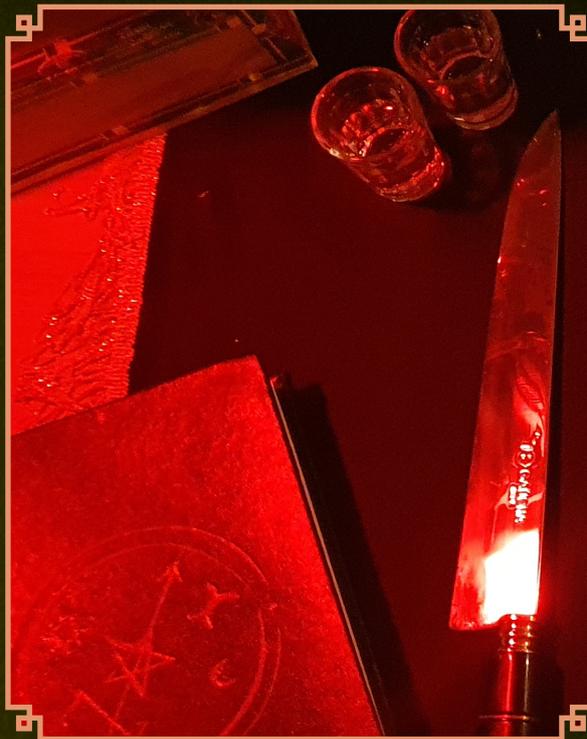
Com o atendimento individual, o problema está sendo focado e ali estará o que deverá ser feito para ter caminhos abertos, prosperidade, saúde em todas as áreas, amor, calma, tranquilidade, cura, etc.

É de extrema importância entender que o trabalho do *Kimbanda* é feito para você, pensando de uma forma bem holística, onde o termo holos - de inteiro, íntegro - é empregado para que o trabalho seja realizado com a dedicação necessária.

Justamente por isso, não existem os banhos padrão, defumação padrão ou entrega padrão dentro da Quimbanda Nãgô.

Em nossa família partimos de um esqueleto para compor todo um organismo. Sabemos que Exus e Pombagiras gostam de farofas (padê), porém eles podem variar em quantidade de elementos, montagens, formas de feitura, local de entrega, etc.

Duas pessoas que tenham que entregar um padê para Tranca-Ruas das Almas, podem receber “instruções” de feitura do padê de forma diferente, com elementos diferentes. Pois estamos focando na questão do cliente. Então, o oráculo indica outros elementos que não os “tradicionais”, dentro de uma visão dos adeptos da macumba mais popular que é a Umbanda.



Um Exu que na Umbanda sempre recebe farinha de mandioca com azeite de dendê, pode, na Quimbanda, pedir vários tipos de carnes, frutas, bebidas, fumos, além das imolações. Esse mesmo Exu, pode, em outro trabalho mudar sua “receita” adaptando-se a necessidade do momento.

Então, quando tratamos de alguém dentro da Quimbanda Nãgô, fazemos a pesquisa oracular e procedemos com seus aconselhamentos. Não significa que as outras técnicas não funcionem. Elas têm sua funcionalidade. Porém, algo mais personalizado é sempre melhor.

Marque um jogo com seu *Kimbanda* e receba as instruções do que deve ser feito.

Mas, sempre tem aquela pergunta: “Quanto custa um trabalho?”

Eu costumo dizer que: “Custa menos do que a sua saúde espiritual!”

Os valores são variáveis e vão de acordo com a necessidade de cada pessoa. Podemos ter trabalhos mais simples e outros mais complexos, com diversas entregas e limpezas. Mas, todos eles valem o quanto têm que valer.

Não despreze a sua saúde espiritual, marque agora mesmo uma consulta oracular e vamos entender o que está acontecendo em sua vida.

Kimbanda Zelawapanzu
Sacerdote de Quimbanda Nãgô
[instagram.com/covadetiriri](https://www.instagram.com/covadetiriri)

O PREÇO DE UM TRABALHO

Os trabalhos espirituais em certos círculos sofrem de uma perseguição: A famosa caridade espiritual. Contudo, o entendimento de caridade, que muitas vezes é atrelado a gratuidade, é uma falácia criada e imputada por um pensamento que não valoriza o trabalho e nem a espiritualidade.

Tudo nessa vida tem custo e a troca de axé deve ser valorizada!

Muitos questionam os trabalhos, dizendo que devem ser feitos pelo preço de seu custo. Mas, existe algo que deixam de fora dessa equação, a parte mais importante: O Axé do Feiticeiro.

Um punhado de velas, farinhas e cachaça, sem o axé do feiticeiro, é apenas vela, farinha e cachaça. Dá para, no máximo, fazer um jantar à luz de velas e olhe lá.

O elemento mais importante da equação mágica é a capacidade de manipulação do *Moyo/Axé* dos elementos por alguém com autoridade mágica e espiritual para tal.

Desta forma, se já não fosse precioso por si só esse axé, há também a questão do

tempo. O tempo é o único recurso que não se renova jamais! Um *Kimbanda*, para atender uma pessoa, deve dispor de tempo para comprar os elementos, preparar as oferendas, fazer os rituais necessários e as entregas que foram pedidas.

Muitas vezes, isso toma um dia inteiro ou mais de um dia, onde esse *Kimbanda* não fará nada além de trabalhar para a melhoria espiritual de quem está sendo atendido, para a quebra das demandas, para a abertura dos caminhos.

Curiosamente, as mesmas pessoas que pleiteiam uma gratuidade da mão de Axé, consomem valores maiores em suas vidas pessoais, novamente relegando a espiritualidade para um canto esquecido. Contudo, uma pessoa com caminhos fechados, mesmo que adquira muitos bens, perderá grande parte deles pela divergência espiritual e energética.

Essa queda de braço sempre fará mal ao indivíduo!

Enquanto não se compreender a necessidade de estabelecer uma saúde e um equilíbrio espiritual que, muitas vezes, não é alcançado sem a ajuda de um sacerdote versado nas artes da feitiçaria.

Não questione o preço dos trabalhos, mas trabalhe para conseguir o montante. Quando queremos realmente sair de uma situação, as soluções aparecem.

Sempre recebemos depoimentos que, após decidirem-se por fazer os trabalhos, os clientes recebem os valores de fontes que nem imaginavam que poderiam produzir dinheiro.

Além disso, não atrele tudo ao dinheiro. Veja que você está pagando os itens, o tempo e o axé que ganhará algo muito mais precioso do que o dinheiro empreendido. Ganhará saúde espiritual, que lhe dará caminhos para conquistar o que realmente você precisa em sua vida.

Aprenda a aceitar a ajuda e entenda que a troca financeira é importante. Quando você estiver em paz com isso, as coisas começam a caminhar em sua vida.

Kimbanda Zelawapanzu
Sacerdote de Quimbanda Nãgô
[instagram.com/covadetiriri](https://www.instagram.com/covadetiriri)



COSMOGONIA DA QUIMBANDA NÀGÔ



A criação do mundo (cosmogonia[1]), dentro das práticas afro-brasileiras, é muito diversa. Por exemplo, em algumas religiões como os Candomblés, principalmente de nação Ketu, existe um entendimento próprio sobre a criação do mundo, por meio das lendas dos Orixás. As casas de Candomblé Angola, têm outro entendimento baseados na formação do mundo dentro da visão Banto. Mas, e nas práticas afro-brasileiras caboclas, como a Quimbanda, qual o entendimento acerca dessa questão?

Nos perdemos dentro desses entendimentos vendo muitos Kimbandas tentarem explicar a sua própria origem, por meio da visão dos outros.

Na Quimbanda Nàgô, a cosmogonia se mistura perfeitamente com o seu entendimento de reinos e se dá por meio de um conto, sem se prender a detalhes de como os corpos celestiais e as formas de vida surgiram.

A criação do mundo é feita por um ser invisível, por muitos chamados de Nzambi mpungu, transliterado para o português como Zambi ou Zambiapongo. Esse ser criador de tudo que existe, é inatingível. Estando além da criação, ainda assim, permeando toda ela. Porém de forma indireta, por meio

das forças por ele criadas, para que cuidassem de sua criação.

Desta forma, no entendimento da Quimbanda Nàgô, Deus existe! Mas está muito longe e não rendemos culto a ele, sendo impossível admoestá-lo.

Sendo assim, a criação do mundo, para a Quimbanda se dá baseada na criação de seus reinos, que, para a família de Quimbanda Nàgô, são nove: Reino da Terra, Reino das Águas, Reino das Matas, Reino Africano, Reino das Almas, Reino das Encruzilhadas, Reino do Oriente, Reino da Lira e Reino das Trevas.

A cosmogonia estará muito atrelada a nossa própria vivência e ao nosso planeta Terra, dessa forma, o entendimento é restrito a esse orbe.

No princípio dos tempos, após Nzambi mpungu determinar que houvesse a criação, o planeta Terra era uma esfera de fogo incandescente, girando no espaço, em torno do Sol. Por meio dos seus movimentos, essa esfera de fogo foi se esfriando até se solidificar, dando assim, por origem, o Reino da Terra, o primeiro reino de Quimbanda.

Nesse resfriamento substâncias se vaporizaram e criaram a atmosfera e, no encontro entre os elementos naturais, dá-se uma precipitação em todo o orbe por longura de dias, criando as chuvas. As chuvas escorreram

[1] Cosmogonia é a forma como uma cultura, mitologia e/ou religião explica a formação do Universo.

pela terra, formando os lagos, os riachos, os rios, os mares, os oceanos e todos os corpos de água deste planeta, assim como . Com todo esse corpo líquido formado, origina-se o Reino das Águas.

Com a existência de água, organelas são formadas e começam a evoluir, dando origem as primeiras formas primitivas de vida, como os fitoplanctons, os musgos, a vegetação e toda sorte de árvores, flores e frutos. Com a flora desenvolvida, os organismos mais simples encontram capacidade de se desenvolverem, criando assim as primeiras formas de vida microbianas, bacterianas e, por consequente, todos os animais que habitavam esse mundo. Assim se forma o Reino das Matas.

Dentro das matas surge um animal diferente, dotado de intelecto, capaz de criar ferramentas e se aperfeiçoar na obtenção de



alimento e na sua própria sobrevivência. Esses indivíduos, começam a surgir onde hoje é o continente africano. Sendo assim, o Homem surge do Reino Africano, que possui uma estreita relação com o Reino das Matas.

O homem aprende que a morte é ilusória, sendo visitado por seus ancestrais e pelos seres divinos. Dessa forma, se conectando ao plano astral e espiritual. Por meio da interação com aqueles que já se foram do plano material, cria-se o Reino das Almas.

Com seu intelecto avançando e com a sabedoria advindo dos mortos, o homem obtém mais comida, abrigo e evolui, começando a crescer e se multiplicar, gerando diversas possibilidades para toda a humanidade, assim é gerado o reino da Encruzilhada, onde mais de um caminho se encontra.

A encruzilhada é o encontro dos caminhos, mas a capacidade de trilhar esses caminhos só se desenvolve com o próximo reino, o Reino do Oriente. O homem aprende a se movimentar e expandir, cada vez mais para longe. Cria rotas de comércio, indo e voltando, trocando bens e criando o conceito de troca ou de dinheiro.

Com essa expansão, desentendimentos e guerras ocorrem pela posse de lugares, direitos, poderes e pessoas. Assim, temos criado o reino das trevas, onde o homem compreende que pode usar os poderes ocultos da feitiçaria, para se defender e para atacar.

Com a civilização constituída, música, filosofia, teatro e todo tipo de cultura e entretenimento, se tornam parte da vida do homem. Esses interesses afloram em toda humanidade e, cada vez mais, são ferramentas para a expressão das ideias dos homens. Nesse momento, surge a política, as cidades, a urbanização e os campos de deleites e prazeres nas zonas noturnas, portuárias e marginais. Este é o Reino da Lira se formando, onde encontramos todos os tipos de artes e boemia.

Com os nove reinos formados, a Quimbanda se completa, as almas ocupam seus postos em cada um dos reinos, conforme suas aspirações e naturezas. Elas voltam para nosso meio, fazendo uso da mediunidade, para nos trazer aconselhamento e proteção. Retornam ao mundo dos mortos, onde atuam como dirigentes de grandes ordens de espíritos. Desse modo, se dá o intercâmbio entre as naturezas de homens e espíritos, que permeiam toda a humanidade.

Esse é o surgimento dos Reinos da Quimbanda, dentro da visão da Quimbanda Nãgô. Um entendimento muito mais filosófico e atrelado a evolução do planeta e da humanidade, do que simplesmente definir os pontos de força da natureza.

No Reino das Almas encontramos os povos do Cemitério; nos Reinos das Águas encontramos os encantados aquáticos e os calungas; nos Reinos das Matas os terrores totêmicos como Exu Morcego e Exu Lobo e assim por diante.

Os mortos ocupam seus espaços conforme sua natureza, esperando para que vocês se abram a sua natureza e ocupem também seus locais.

Autoria:

Tata Nganga Malembu Mikungu e Kimbanda Zelawapanzu
instagram.com/covadetiriri

Idealizadores



**PAPÓ NA
ENCRUZA**





@LUANODE_